

CASIMIRO
DE ABREU

Primaveras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



AS PRIMAVERAS

Casimiro de Abreu

1855 – 1858

A. F. Octaviano

São as flores das minhas primaveras
Rebentadas a sombra dos coqueiros.

TEIXEIRA DE MELLO – Sombras e
Sonhos.

Um dia – além dos Órgãos, na poética Friburgo – isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepúsculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cântico da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos vales e o silêncio tornava mais solene a voz melancólica do cair das cachoeiras. Era a hora da merenda em nossa casa e pareceu-me ouvir o eco das risadas infantis de minha mana pequena! As lágrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei – Às Ave-Marias: – a saudade havia sido a minha primeira musa.

Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuí-lo hoje eu dera em troca este volume inútil, que nem conserva ao menos o sabor virginal daqueles prelúdios!

Depois, mais tarde, nas ribas pitorescas do Douro ou nas várzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas visonhas do Minho não tinham a beleza majestosa dos sertões.

Eu era entusiasta então e escrevia muito, porque me embalava à sombra duma esperança que nunca pude ver realizada. Numa hora de desalento rasguei muitas dessas páginas cândidas e quase que pedi o bálsamo da sepultura para as úlceras recentes do coração; é que as primeiras ilusões da vida, abertas de noite – caem pela manhã como as flores cheirosas das laranjeiras!

Flores e estrelas, murmúrios da terra e mistérios do céu, sonhos de virgem e risos de criança, tudo o que é belo e tudo o que é grande, veio por seu turno debruçar-se sobre o espelho mágico da minha alma e aí estampar a sua imagem fugitiva. Se nessa coleção de imagens predomina o perfil gracioso duma virgem, facilmente se explica: – era a filha do céu que vinha vibrar o alaúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contraditório ou não, este livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço, e os cantos saíram conforme as circunstâncias e os lugares os iam despertando. Um dia a pasta pejada de tanto papel pedia que lhe desse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das – Primaveras; depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu – livro íntimo – e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude ver o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretensões.

Todos aí acharão cantigas de criança, trovas de mancebo, e raríssimos lampejos de reflexão e de estudo: é o coração que se espraia sobre o eterno tema do amor e que soletra o seu poema misterioso ao luar melancólico das nossas noites.

Meu Deus! que se há de escrever aos vinte anos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre há tempo de sermos homem sério, e de preferirmos uma moeda de cobre a uma página de Lamartine^[1].

De certo, tudo isto são ensaios; a mocidade palpita, e na sede que a

devora decepa os louros inda verdes e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e o trato dos mestres poderão temperar.

O filho dos trópicos deve escrever numa linguagem – propriamente sua – lânguida como ele, quente como o sol que o abrasa, grande e misteriosa como as suas matas seculares; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopéias como a dos – Timbiras – e acordar os Renés enfatiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de – I-Juca-Pirama¹²¹ – nós, cantores novéis, somos as vozes secundárias que se perdem no conjunto duma grande orquestra: há o único mérito de não ficarmos calados.

Assim, as minhas – Primaveras – não passam de um ramalhete das flores próprias da estação, – flores que o vento esfolhará amanhã, e que apenas valem como promessa dos frutos do outono.

Rio – 20 de Agosto – 1859.

CASIMIRO DE ABREU.

A

Falo a ti – doce virgem dos meus
sonhos, Visão dourada dum
cismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigília
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do
silêncio, Mimosa flor da
lânguida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu ombro debruçar-
te a medo, A dizer-me baixinho
mil cantigas,
Como vozes sutis dalgum segredo!

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
– Marinheiro de amor – no batel curvo,

Rasgando afouto em hinos d'esperança
As ondas verde-azuis dum mar que é turvo.

Por ti corri sedento atrás da glória;
Por ti queimei-me cedo em seus
fulgores; Queria de harmonia
encher-te a vida, Palmas na
frente – no regaço flores!

Tu, que foste a vestal dos sonhos
d'ouro, O anjo-tutelar dos meus
anelos,
Estende sobre mim as asas
brancas. Desenrola os anéis
dos teus cabelos!

Muito gelo, meu Deus, crestou-me
as galas! Muito vento do sul varreu-

me as flores!

Ai de mim – se o relento de teus risos

Não molhasse o jardim dos meus amores!

Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito

De santas ilusões, de crenças cheio!

– Guarda os cantos do louco sertanejo

No leito virginal que tens no seio.

Podes ler o meu livro: – adoro a

infância, Deixo a esmola na

enxerga do mendigo,

Creio em Deus, amo a pátria, e em noites lindas

Minh'alma – aberta em flor – sonha contigo.

Se entre as rosas das minhas –

Primaveras – Houver rosas gentis,

de espinhos nuas;

Se o futuro atirar-me algumas palmas

As palmas do cantor – são todas tuas!

Agosto 20 – 1859.

C.

La vie du vulgaire n'est qu'un vague et sourd murmure du coeur; la vie de l'homme sensible est un cri; la vie du poète est un chant!

Lamartine.

PRIMAVERAS

LIVRO PRIMEIRO

Heureux ceux qui n'ont point vu la
fumée des fêtes de l'étranger, et qui ne se
sont assis qu'aux festins de leurs pères!

Chateaubriand.

I

CANÇÃO DO
EXÍLIO.

Oh! mon pays sera mes amour
Toujours.

Chateaubriand.

Eu nasci além dos
mares: Os
meus lares,
Meus amores ficam lá!
– Onde canta nos retiros
Seus
suspiros,
Suspiros o
sabiá!

Oh que céu, que terra
aquela, Rica e
bela
Como o céu de claro anil!
Que seiva, que luz, que
galas, Não
exalas
Não exalas, meu Brasil!

Oh! que saudades tamanhas
Das
montanhas,
Daqueles campos
natais! Daquele

céu de safira
Que se
mira,
Que se mira nos cristais!

Não amo a terra do
exílio, Sou
bom filho,
Quero a pátria, o meu
país, Quero a terra das
mangueiras

E as palmeiras,
E as palmeiras tão
gentis! Como a ave

dos palmares

Pelos
ares
Fugindo do caçador;
Eu vivo longe do
ninho,
Sem
carinho;
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...

Tudo
escuro
Só vejo em roda
de mim! Falta a
luz do lar paterno
Doce e
terno, Doce e
terno para mim.

Distante do solo amado

—
Desterrado – A
vida não é feliz.
Nessa eterna
primavera
Quem me
dera, Quem me
dera o meu país!

II

MINHA TERRA.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.
G. Dias.

Todos cantam sua
terra, Também vou
cantar a minha, Nas
débeis cordas da Lira
Hei de fazê-la rainha;
– Hei de dar-lhe a realeza
Nesse trono de beleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas
do sul Debaixo dum
céu de anil
Encontrareis o
gigante Santa Cruz,
hoje Brasil;
– É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa fala amores

Nas belas tardes de

Abril. Tem tantas

belezas, tantas,

A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
– É uma terra encantada
– Mimoso jardim de fada –
– Do mundo todo
invejada, Que o
mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
Dentre todas – a primeira:

Deu-lhe esses campos
bordados, Deu-lhe os
leques da palmeira,
E a borboleta que
adeja Sobre as flores
que ela beija, Quando
o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

É um pais majestoso
Essa terra de Tupá^{3},
Desd'o Amazonas
ao Prata, Do Rio
Grande ao Pará!
– Tem serranias
gigantes E tem
bosques
verdejantes Que
repetem
incessantes Os
cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha
fremente, Dos
galhos da sapucaia
Nas horas do sol
ardente, Sobre um
solo d'açucenas,
Suspensa a rede de
penas Ali nas tardes
amenas
Se embala o índio indolente

Foi ali que noutro
tempo A sombra do
cajazeiro Soltava
seus doces carmes
O Petrarca^{4}⁴
brasileiro;
E a bela que o escutava
Um sorriso deslizava
Para o bardo que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marília^{5}

Em terníssimos
enleios Se
beijavam com
ternura Em
celestes
devaneios;
Da selva o vate
inspirado, O sabiá
namorado,
Na laranjeira pousado
Soltava ternos gorjeios.

Foi ali, foi no
Ipiranga, Que com
toda a majestade
Rompeu de lábios
augustos O brado
da liberdade;
Aquela voz
soberana
Voou na plaga indiana
Desde o palácio à
choupana, Desde a
floresta à cidade!

Um povo ergueu-se cantando
– Mancebos e
anciãos – E, filhos
da mesma terra,
Alegres deram-se
as mãos; Foi belo
ver esse povo
Em suas glórias tão
novo, Bradando
cheio de fogo:
– Portugal! somos irmãos!

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra
Nem os ecos da
montanha Ao longe
diziam – guerra!
Mas não sei o que
sentia Quando, a
sós, eu repetia
Cheio de nobre
ousadia
O nome da minha terra!

Se brasileiro eu nasci

Brasileiro hei de morrer,
Que um filho daquelas
matas Ama o céu que o
viu nascer; Chora, sim,
porque tem prantos, E
são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais há de ver.

Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que
eu amo, Pelas
mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;

Pelo rio
caudaloso, Pelo
prado tão
relvoso, E pelo
tiê formoso
Da goiabeira no ramo!

Quis cantar a
minha terra, Mas
não pode mais a
lira:
Que outro filho das montanhas
O mesmo canto desfira,
Que o proscrito, o
desterrado De ternos
prantos banhado, De
saudades torturado,
Em vez de cantar – suspira!

Tem tantas belezas,
tantas, A minha
terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
– É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa em seus rumores
Murmura: – não tem rival!

III

SAUDADES.

Nas horas mortas
da noite Como é
doce o meditar
Quando as estrelas
cintilam Nas ondas
quietas do mar;
Quando a lua
majestosa Surgindo
linda e formosa,
Como donzela
vaidosa
Nas águas se vai mirar!

Nessas horas de
silêncio, De
tristezas e de
amor,
Eu gosto de ouvir
ao longe, Cheio de
mágoa e de dor,
O sino do
campanário Que
fala tão solitário
Com esse som
mortuário Que
nos enche de
pavor.

Então – proscrito e
sozinho – Eu solto aos
ecos da serra
Suspiros dessa saudade
Que no meu peito se
encerra. Esses prantos
de amargores São
prantos cheios de
dores:
– Saudades – dos meus amores,
– Saudades – da minha terra !

IV

CANÇÃO DO

EXÍLIO. Se eu tenho de morrer na flor
dos anos,

 Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira,
 à tarde, Cantar o
 sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vêes que eu morro
 Respirando este ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
 Os gozos do meu lar!

O país estrangeiro mais belezas
 Do que a pátria, não tem;
E este mundo não vale um só dos beijos
 Tão doces duma mãe!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
 Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu
 da pátria, O céu do meu
 Brasil!

Se eu tenho de morrer na flor
 dos anos, Meu Deus! não
 seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira,
 à tarde, Cantar o
 sabiá!

Quero ver esse céu da
 minha terra
 Tão lindo e tão
 azul!
E a nuvem cor de rosa que
 passava
 Correndo lá
 do sul!

Quero dormir à sombra dos
 coqueiros, As folhas por
 dossel;
E ver se apanho a borboleta
 branca, Que voa no

vergel!

Quero sentar-me à beira do
riacho
Das tardes
ao cair,
E sozinho cismando no
crepúsculo
Os sonhos do
porvir!

Se eu tenho de morrer na flor
dos anos, Meu Deus! não
seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira,
à tarde, A voz do
sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
Dum clima
tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu
berço natal!

Minha campa será entre as mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranqüilo
À sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo
morri,
E eu sonho no sepulcro os meus amores
Na terra
onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flor
dos anos, Meu Deus! não
seja já
Eu quero ouvir na laranjeira,
à tarde, Cantar o
sabiá!

V

MINHA

MÃE.

Oh l'amour d'une mère ! – amour que nul
n'oublie!

V. Hugo.

Da pátria formosa distante e
saudoso, Chorando e gemendo
meus cantos de dor, Eu guardo no
peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
– Minha Mãe! –

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sozinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
– “Oh filho querido do meu coração!” –
– Minha Mãe! –

No berço, pendente dos ramos
floridos Em que eu pequenino feliz
dormitava: Quem é que esse berço
com todo o cuidado Cantando
cantigas alegre embalava?
– Minha Mãe! –

De noite, alta noite, quando eu já
dormia Sonhando esses sonhos dos
anjos dos céus, Quem é que meus
lábios dormentes roçava, Qual anjo
da guarda, qual sopro de Deus?
– Minha Mãe! –

Feliz o bom filho que pode
contente Na casa paterna de
noite e de dia Sentir as
carícias do anjo de amores,
Da estrela brilhante que a vida nos guia!
– Uma Mãe! –

Por isso eu agora na terra do
exílio, Sentado sozinho co'a face
na mão, Suspiro e soluço por

quem me chamava:

– “Oh filho querido do meu coração!” –

– Minha

Mãe! – Lisboa – 1855.

VI

ROSA

MURCHA. Esta rosa desbotada

Já tantas vezes

beijada, Pálido

emblema de amor;

É uma folha caída

Do livro da

minha vida, Um

canto imenso de

dor!

.....
Há que tempos ! Bem me
lembro...

Foi num dia de

Novembro:

Deixava a terra

natal,

A minha pátria

tão cara, O meu

lindo Guanabara,

Em busca de Portugal.

Na hora da despedida

Tão cruel e tão sentida

P'ra quem sai do lar

fagueiro; Duma

lágrima orvalhada,

Esta rosa foi-me dada

Ao som dum beijo primeiro.

Deixava a pátria, é

verdade, Ia morrer

de saudade

Noutros climas, noutras

plagas; Mas tinha

orações ferventes Duns

lábios inda inocentes

Enquanto cortasse as

vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus?!
– Hei de ir junto aos mausoléus
No fundo dos
cemitérios, E ao
baço clarão da
lua Da campa na
pedra nua
Interrogar os
mistérios!

Carpir o lírio pendido
Pelo vento desabrido...
Da divindade aos
arcanos Dobrando
a fronte saudosa,
Chorar a virgem
formosa Morta na
flor dos anos!

Era um anjo! Foi
pr'ó céu Envolta
em místico véu Nas
asas dum
querubim;
Já dorme o sono
profundo, E
despediu-se do
mundo Pensando
talvez em mim!

.....
Oh! esta flor desbotada,
Já tantas vezes
beijada, Que de
mistérios não tem!
Em troca do seu
perfume Quanta
saudade resume
E quantos prantos também!

Lisboa – 1855.

VII

JURITI

Na minha terra, no bulir do

mato, A juriti
suspira;
E como o arrulo dos gentis
amores, São os meus cantos
de secretas dores
No chorar da lira.

De tarde a pomba vem gemer sentida
À beira do caminho;
– Talvez perdida na floresta
ingente – A triste geme nessa
voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba e como as vozes dela
É triste o meu
cantar;
– Flor dos trópicos – cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do
meu lar.

A juriti suspira sobre as folhas secas
Seu canto de
saudade;
Hino de angústia, férvido
lamento, Um poema de
amor e sentimento,
Um grito
d'orfandade!

Depois... o caçador chega cantando.
A pomba faz o
tiro...
A bala acerta e ela cai de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis
soluços, No final
suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-á
consigo;
E descuidado, no sorrir
da vida, Irei sozinho, a
voz desfalecida,
Dormir no meu
jazigo.

E – morta – a pomba nunca mais suspira

À beira do caminho;
E como a juriti, – longe dos
lares – Nunca mais chorarei
nos meus cantares

Saudades do meu

ninho! Lisboa – 1857.

VIII

MEUS OITO ANOS.

Oh! Souvenirs! Printemps! Aurores!
V. Hugo.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha
vida, Da minha
infância querida Que
os anos não trazem
mais!
Que amor, que sonhos, que
flores. Naquelas tardes
fagueiras
À sombra das
bananeiras, Debaixo
dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despontar da existência!
– Respira a alma inocência
Como perfumes
a flor; O mar é
– lago sereno,
O céu – um manto azulado,
O mundo – um sonho
dourado, A vida – um
hino d'amor!

Que auras, que sol, que
vida, Que noites de
melodia
Naquela doce
alegria, Naquele

ingênuo folgar! O
céu bordado
d'estrelas, A terra de
aromas cheia, As
ondas beijando a
areia E a lua
beijando o mar!

Oh! dias da minha
infância! Oh! meu
céu de primavera
Que doce a vida não
era Nessa risonha
manhã!
Em vez das mágoas de
agora, Eu tinha nessas
delícias
De minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das
montanhas, Eu ia
bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
– Pés descalços, braços
nus – Correndo pelas
campinas
À roda das
cachoeiras.
Atrás das asas
ligeiras Das
borboletas
azuis!

Naqueles tempos
ditosos Ia colher as
pitangas, Trepava a
tirar as mangas,
Brincava à beira do
mar; Rezava às
Ave-Marias,
Achava o céu
sempre lindo,
Adormecia
sorrindo
E despertava a cantar!

.....

Oh! que saudades que

tenho

Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!

– Que amor, que sonhos, que
flores, Naquelas tardes
fagueiras
À sombra das
bananeiras,
Debaixo dos
laranjais!

Lisboa – 1857.

IX

NO ÁLBUM DE

J.C.M. Nestas folhas perfumadas
Pelas rosas
desfolhadas Desses
cantos de amizade,
Permite que venha
agora Quem longe da
pátria chora Bem
triste gravar: –
saudade!

Lisboa.

X

NO LAR.

Terra da minha pátria, abre-me o seio
Na morte – ao menos.....
Garrett

Longe da pátria, sob um céu

diverso

Onde o sol como aqui tanto
não arde, Chorei saudades do
meu lar querido

– Ave sem ninho que suspira à tarde. –

No mar – de noite – solitário e triste
Fitando os lumes que no céu
tremiam, Ávido e louco nos meus
sonhos d'alma Folguei nos campos
que meus olhos viam.

Era pátria e família e vida e
tudo, Glória, amores,
mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Porque chorara nessa longa ausência.

Eis-me na pátria, no país das flores,
– O filho pródigo a seus lares
volve, E concertando as suas
vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve! –

Eis meu lar, minha casa, meus
amores, A terra onde nasci, meu
teto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu – cresceu comigo.

Os mesmos campos que eu deixei
criança, Árvores novas... tanta flor
no prado!...
Oh! como és linda, minha terra d'alma,
– Noiva enfeitada para o seu noivado! –

Foi aqui, foi ali, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
– Lá vejo o atalho que vai dar na
várzea... Lá o barranco por onde eu
subia!...

Acho agora mais seca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
– Como está velho o laranjal tamanho

Onde eu caçava o sanhaçu a laço!...

Como eu me lembro dos meus dias
puros! Nada m'esquece!... e esquecer
quem há de?...

– Cada pedra que eu palpo, ou tronco,
ou folha, Fala-me ainda dessa doce
idade!

Eu me remoço recordando a
infância, E tanto a vida me
palpita agora
Que eu dera oh! Deus! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outrora!

E a casa?... as salas, estes móveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratório... a sala grande
Onde eu temia penetrar no escuro!...

E ali... naquele canto... o berço armado
E minha mana, tão gentil,
dormindo! E mamãe a contar-
me histórias lindas Quando eu
chorava e a beijava rindo!

Oh! primavera! oh! minha mãe querida
Oh! mana! – anjinho que eu amei com
ânsia – Vinde ver-me, em soluços – de
joelhos – Beijando em choros este pó da
infância!

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no
exílio!
Tanta dor me cortou a voz
sentida, Que agora neste
gozo de proscrito
Chora minh'alma e me sucumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e
bela Que eu, Senhor! não vivi –
dormi apenas! Minh'alma que
s'expande e se entumece Despe o
seu luto nas canções amenas.

Que sede que eu sentia nessas
noites! Quanto beijo roçou-me os

lábios quentes! E, pálido, acordava
no meu leito
– Sozinho – e órfão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na
sombra, No silêncio e na voz desta
natureza;
– Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os lábios
ardem. Preciso as dores dum sentir
profundo!
– Sôfrego a taça esgotarei dum trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
– Alma de arcanjo que me fale
amores, Que ria e chore, que
suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! quero amor! – Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus
cabelos; Rosto lindo de fada
vaporosa
Que dê-me vida e que me mate em zelos!
– Oh! céu de minha terra – azul sem
mancha – Oh! sol de fogo que me
queima a frente, Nuvens douradas que
correis no ocaso,
Névoas da tarde que cobris o monte;

Perfumes da floresta,
vozes doces, Mansa lagoa
que o luar prateia, Claros
riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranqüilas que morreis na areia;

Aves dos bosques, brisas das
montanhas, Bem-te-vis do campo,
sabiás da praia,
– Cantai, correi, brilhai – minh'alma em ânsias
Treme de gozo e de prazer desmaia!

Flores, perfumes, solidões,
gorjeios, Amor, ternura –

modulai-me a lira!
– Seja um poema este ferver de idéias
Que a mente cala e o coração suspira.

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasborda o peito...
– Basta-me um ano!... e depois... na
sombra... Onde tive o berço quero ter
meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato
e louco Nos pobres hinos te
bendigo, oh! Deus! Deste-me os
gozos do meu lar querido...
Bendito sejas! – vou viver c’os
meus!

Indaiassú – 1857.

XI

BRAZILIANAS

MORENINHA.

Moreninha,
Moreninha, Tu és
do campo a
rainha, Tu és
senhora de mim;
Tu matas todos
d’amores, Faceira,
vendendo as flores
Que colhes no teu
jardim.

Quando tu passas n’aldeia
Diz o povo à boca cheia:
– “Mulher mais linda não há

“Ai! vejam como é
bonita “Co’as tranças
presas na fita, “Co’as
flores no samburá! –

Tu és meiga, és
inocente Como a

rola que contente
Voa e folga no rosal;
Envolta nas simples
galas, Na voz, no
riso, nas falas,
Morena – não tens
rival!

Tu, ontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da
fonte À fresca
sombra do til;
Regando as flores,
sozinha, Nem tu
sabes, Moreninha, O
quanto achei-te
gentil!

Depois segui-te
calado Como o
pássaro esfaimado
Vai seguindo a juriti;
Mas tão pura ias
brincando, Pelas
pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de
ti!

E disse então: –
Moreninha, Se um dia
tu fores minha,
Que amor, que amor não
terás! Eu dou-te noites de
rosas Cantando canções
formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não
há; Ninguém t'igualá
ou t'imita Co'as tranças
presas na fita, Co'as
flores no samburá!

Tu és a deusa da praça,
E todo o homem que
passa Apenas viu-
te... parou! Segue

depois seu caminho
Mas vai calado e
sozinho Porque sua
alma ficou!

Tu és bela,
Moreninha, Sentada
em tua banquinha
Cercada de todos
nós; Rufando alegre
o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas também a voz

– “Oh quem me compra estas
flores?” “São lindas como os
amores,
“Tão belas não há
assim; “Foram
banhadas de orvalho,
“São flores do meu
serralho, “Colhi-as no
meu jardim.” –

Morena, minha Morena,
És bela, mas não tens pena
De quem morre de paixão!
– Tu vendes flores
singelas E guardas as
flores belas, As rosas
do coração?!...

Moreninha,
Moreninha, Tu és
das belas rainha,
Mas nos amores
és má
– Como tu ficas bonita
Co’as tranças presas na
fita, Co’as flores no
samburá!

Eu disse então: – “Meus
amores, “Deixa mirar
tuas flores,
“Deixa perfumes
sentir!” Mas naquele
doce enleio, Em vez

das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Como nuvem
desmaiada Se
tinge de
madrugada Ao
doce albor da
manhã Assim
ficaste, querida,
A face em pejo
acendida,
Vermelha como a
romã!

Tu fugiste,
feiticeira, E
decerto mais
ligeira Qualquer
gazela não é; Tu
ias de saia curta...
Saltando a moita de murta
Mostraste, mostraste o pé!

Ai! Morena, ai! meus
amores, Eu quero
comprar-te as flores,
Mas dá-me um beijo
também; Que
importam rosas do
prado Sem o sorriso
engraçado
Que a tua boquinha tem?...

Apenas vi-te, sereia,
Chamei-te – rosa da
aldeia – Como mais
linda não há.
– Jesus! Como eras
bonita Co'as tranças
presas na fita, Co'as
flores no samburá!

Indaiassú – 1857.

REDE. Nas horas ardentes do pino
do dia

Aos bosques corri;
E qual linda imagem dos castos
amores, Dormindo e sonhando
cercada de flores

Nos
bosques a
vi!

Dormia deitada na rede de penas
– O céu por dosse!,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta cismando num lago bem manso
Num leve bate!

Dormia e sonhava – no rosto serena
Qual um serafim;
Os cílios pendidos nos olhos tão
belos, E a brisa brincando nos
soltos cabelos
De fino cetim!

Dormia e sonhava – formosa embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno num mágico anseio
Debaixo das roupa batia-lhe o seio
No seu palpar!

Dormia e sonhava – a boca entreaberta
O lábio a sorrir;
No peito cruzados os braços
dormentes, Compridos e lisos
quais brancas serpentes
No colo a
dormir!

Dormia e sonhava – no sonho de amores.
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos lábios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum
bandolim!

Dormia e sonhava – de manso cheguei-me
Sem leve rumor;
Pendi-me tremendo e qual

fraco vagido, Qual sopro da
brisa, baixinho ao ouvido
Falei-lhe de
amor!

Ao hálito ardente o peito palpita...
Mas sem
despertar;
E como nas ânsias dum sonho que
é lindo, A virgem na rede corando
e sorrindo...

Beijou-me – a

sonhar! Junho – 1858.

XIII

A VOZ

DO RIO.

NUM

ÁLBUM.

Nosso sol é de fogo, o campo é
verde, O mar é manso, nosso
céu azul!
– Ai! porque deixas este pátrio ninho
Pelas friezas dos vergéis do sul?

Lá nessa terra onde o Guaíba chora
Não são as noites, como aqui,
formosas, E as duras asas do
Pampeiro iroso Quebra as
tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar
tranquilo, Mais leve a brisa,
nosso céu azul!...
– Tupá! quem troca pelo pátrio ninho
As ventanias dos vergéis do sul?!

Lá novos campos outros campos ligam
E a vista fraca na extensão se
perde! E tu sozinha viverás

no exílio
– Garça perdida nesse mar que é verde! –

Nossas campinas como doces noivas
Vivem c'os montes sob o céu azul!
– Há vida e amores neste pátrio ninho
Mais rico e belo que os vergéis do sul!

Essas palmeiras não tem tantos
leques, O sol das Pampas
marcou seu brilho,
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormiu teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocam c'os braços este céu azul!...
– Se tudo é grande neste pátrio ninho
Porque deixai-o p'ra viver no sul?!...

Embora digas – essa terra fria
Merece amores, é irmã da
minha – Quem dar-te pode este
calor do ninho, A luz suave que
o teu berço tinha?!

Eu – Guanabara – no meu longo espelho
Reflito as nuvens deste céu azul;
– Ó minha filha! Acalentei-te o
sono, Porque me deixas p'ra
viver no sul?!...

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras
E o sol medroso s'esconder nas
águas, Teu pensamento, como o
sol que morre,
Há de cismando mergulhar-se em mágoas!

Mas se forçoso t'é deixar a pátria
Pelas friezas dos vergéis do sul,
Ó minha filha! não t'esqueças nunca
Destas montanhas, deste céu azul.

Tupá bondoso te derrame
graças, Doce ventura te
bafeje e siga,
E nos meus braços – ao voltar do
exílio – Saudando o berço que teu

lábio diga:

“Volvo contente para o pátrio
ninho, “Deixei sorrindo esses
vergéis do sul; “Tinha
saudades deste sol de fogo...
“Não deixo mais este meu
céu azul!...”

Rio – 1858.

XIV

SETE DE
SETEMBRO.

A
D.PEDRO
II.

I.

Foi um dia de glória! – O

povo altivo

Trocou sorrindo as vozes de cativo

 Pelo cantar
das festas! O leão
indomável do deserto
Bramiu soberbo, dos grilhões
 liberto, No meio das
 florestas!

Lá no Ipiranga do Brasil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte

 Erguia o augusto
porte; Cercada a fronte dos
lauréis da glória Soltou
tremendo brado da vitória:
 – Independência ou morte!

O santo amor dos corações ardentes

Achou eco no peito dos valentes

 No campo e na cidade;
E nos salões – do pescador

nos lares, Livres soaram
hinos populares
 À voz da
 liberdade!

II.

Anos correram; – no torrão
fecundo
Ao sol de fogo deste novo-mundo
 A semente
 brotou;
E franca e leda, a geração
nascente À copa altiva da
árvore frondente Segura se
 abrigou!

A roda da bandeira sacrossanta
Um povo esperançoso se levanta
 Infante e a
 sorrir!
A nação do letargo se desperta,
E – livre – marcha pela estrada aberta
 Às glórias do
 porvir!

O país, n'alegria todo
imerso, Velava atento à
roda só dum berço.
 Era o vosso,
 Senhor!
Vós do tronco feliz doce
renovo, Vede agora, Senhor,
na voz do povo
 Quão grande é

seu amor! Rio – 1858.

XV

CÂNTICOS.
POESIA E
AMOR.

A tarde que
expira, A flor
que suspira,
O canto da
lira,

Da lua o
clarão; Dos
mares na raia
A luz que
desmaia, E as
ondas na
praia
Lambendo-lhe o chão;

Da noite a
harmonia
Melhor que a do
dia, E a viva
ardentia
Das águas do
mar; A
virgem
incauta, As
vozes da
flauta, E o
canto do
nauta
Chorando o
seu lar;

Os trêmulos lumes,
Da fonte os
queixumes, E os
meigos perfumes
Que solta o vergel;
As noites
brilhantes, E os
doces instantes
Dos noivos
amantes Na lua
de mel;

Do templo nas naves
As notas suaves,
E o trino das
aves
Saudando o
arrebol; As
tardes estivas,
E as rosas
lascivas
Erguendo-se
altivas Aos
raios do sol;

A gota de
orvalho
Tremendo no
galho Do
velho
carvalho, Nas
folhas do
ingá; O bater
do seio,
Dos bosques no
meio O doce
gorjeio Dalgum
sabiá;

A órfã que
chora, A flor
que se cora
Aos raios da
aurora,
No albor da
manhã; Os
sonhos
eternos,
Os gozos mais
ternos, Os
beijos
maternos
E as vozes de irmã;

O sino da torre
Carpindo
quem morre,
E o rio que
corre
Banhando o
chorão;
O triste que
vela
Cantando à
donzela A
trova singela
Do seu coração;

A luz da
alvorada, E a
nuvem
dourada Qual
berço de fada
Num céu todo
azul; No lago e

nos brejos Os
férvidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul;

Toda essa
ternura Que
a rica natura
Soletra e
murmura
Nos hálitos
seus,
Da terra os
encantos, Das
noites os
prantos, São
hinos, são
cantos Que
sobem a Deus!

Os trêmulos lumes,
Da veiga os
perfumes, Da
fonte os
queixumes, Dos
prados a flor,
Do mar a ardentia
Da noite a
harmonia,
Tudo isso é –
poesia! Tudo
isso é – amor!

Indaiassú – 1857.

XVI

ORAÇÕES

A***

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva
Da férvida oração nas asas puras,
E Deus recebe como um longo hosana
O cântico de amor das criaturas.

Do trono d'ouro que circundam anjos

Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãe
s'inclina Ouvindo as vozes d' inocência
bela
Dos lábios virginais duma menina.

Da tarde morta o murmurar
se cala Ante a prece infantil,
que sobe e voa Fresca e
serena qual perfume doce Das
frescas rosas de gentil coroa.

As doces falas de tua alma santa
Valem mais do que eu valho oh!
querubim! Quando rezares por teu
mano
Não t'esqueças também – reza por mim!

XVII

BÁLSAMO.

Eu vi-a lacrimosa sobre as
pedras Rojar-se essa mulher que
a dor ferira! A morte lhe roubara
dum só golpe Marido e filho,
encaneceu-lhe a fronte, E
deixou-a sozinha e desgrenhada
– Estátua da aflição aos pés dum
túmulo! – O esqualido coveiro p'ra
dois corpos Ergueu a mesma enxada,
e nessa noite
A mesma cova os teve!
E a mãe chorava,
E mais alto que o choro erguia as vozes!

.....
No entanto o sacerdote – fronte branca
Pelo gelo dos anos – a seu lado
Tentava consolá-la

Sublime desse belo desespero
A mãe aflita
As vozes não lhe ouvia; a dor suprema
Toldava-lhe a razão no duro trance.

“Oh! padre! – disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma –

“Onde o bálsamo, as falas
d’esperança, “O alívio à minha
dor?!”

Grave e solene,

O padre não falou – mostrou-
lhe o céu!

Rio – 1858

XVIII

DEUS!

Eu me lembro! eu me lembro! – Era pequeno
E brincava na praia; o mar
bramia E erguendo o dorso
altivo, sacudia A branca
escuma para o céu sereno

E eu disse a minha mãe nesse
momento: “Que dura
orquestra! Que furor insano!
“Que pode haver maior que o
oceano,
“Ou que seja mais forte do que o vento?!” –

Minha mãe a sorrir olhou p’r’os céus
E respondeu: – Um Ser que nós não vemos
“É maior do que o mar que nós tememos,
“Mais forte que o tufão! Meu filho, é –

Deus!” – Dezembro – 1858.

LIVRO SEGUNDO

La chanson la plus
charmante
Est la chanson des
amours!

V.
Hugo.

XIX

PRIMAVERAS.

Primavera! juventud Del
anno, Mocidad!
primavera della vita.
Metastasio

I.

A primavera é a estação dos
risos,

Deus fita o mundo com
celeste afago, Tremem as
folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e
gala, Trinam as aves a canção
de amores. E doce e bela no
tapiz das flores Melhor
perfume a violeta exala.

Na primavera tudo é riso e
festa, Brotam aromas do
vergel florido, E o ramo
verde de manhã colhido
Enfeita a fronte da aldeã
modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hino imenso a criação
modula, Canta a calhandra,
a juriti arrula,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa: – Como é linda a
veiga! Responde a rosa: – Como é
doce o orvalho!

II.

Mas como às vezes sobre o céu
sereno
Corre uma nuvem que a
tormenta guia, Também a lira
alguma vez sombria Solta
gemendo de amargura um treno.

São flores murchas; – o jasmim
fenece, Mas bafejado s'erguerá
de novo
Bem como o galho do gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia
cheio Treme nos lábios do cantor
mancebo, Em breve a virgem do
seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe intumesce o seio

Na primavera – na manhã da
vida – Deus às tristezas o
sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
À voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,
Ama-se a vida – a mocidade é
crença, E a alma virgem nesta
festa imensa Canta, palpita,
s'extasia e goza.

1º de Julho – 1858.

XX

CENA

ÍNTIMA. Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada

Só p'ra
mim!

– Ora diz-me: esses
queixumes, Esses
injustos ciúmes

Não
têm
fim?

Que pequei eu bem
conheço, Mas castigo
não mereço

Por
pecar;
Pois tu queres chamar crime
Render-me à chama sublime

Dum
olhar!

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste

Num
sorrir? Agora em
cólera imensa Já
queres dar a
sentença

Sem me ouvir!

E depois, se eu te repito
Que nesse instante

maldito
– Sem

querer –
Arrastado por
magia Mil
torrentes de
poesia

Fui
beber!

Eram uns olhos escuros
Muito belos, muito
puros, Como
os teus!

Uns olhos assim tão
lindos Mostrando
gozos infindos, Só
dos céus!

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que
não
sei!

Juro falar-te a verdade...
Foi decerto – sem
vontade – Que
eu pequei!

Mas hoje, minha
querida, Eu dera
até esta vida
P'ra
poupar
Essas lágrimas
queixosas, Que as
tuas faces mimosas
Vêm molhar!

Sabe ainda ser
clemente, Perdoa
um erro inocente
Minha
flor!
Seja grande embora o crime
O perdão sempre é
sublime
Meu
amor!

Mas se queres com maldade
Castigar quem – sem
vontade – Só
pecou;
Olha, linda, eu não me
queixo, A teus pés cair
me deixo...
Aqui
'stou!

Mas se me deste,
formosa, De amor
na taça mimosa
Doce

mel;
Ai! deixa que
peça agora
Esses extremos
d'outrora
O infiel:

Prende-me... nesses teus braços
Em doces, longos
abraços
Com paixão;
Ordena com gesto
altivo... Que te beije
este cativo
Essa
mão!

Mata-me sim... de
ventura, Com mil
beijos de ternura
Sem ter dó,
Que eu prometo, anjo
querido, Não desprender
um gemido,
Nem
um só!

XXI

JURAMENTO.

Tu dizes oh Mariquinhas
Que não crês nas juras
minhas, Que nunca
cumpridas são!

Mas se eu não te jurei
nada, Como hás de tu,
estouvada, Saber se eu as
cumpro ou não?!

Tu dizes que eu sempre
minto, Que protesto o que
não sinto, Que todo o
poeta é vário,
Que é borboleta
inconstante; Mas agora,
neste instante,

Eu vou provar-te o contrário.

Vem cá, sentada a meu
lado Com esse rosto
adorado Brilhante de
sentimento,
Ao colo o braço
cingido, Olhar no
meu embebido,
Escuta o meu
juramento.

Espera: – inclina essa
fronte... Assim!... –
Pareces no monte Alvo
lírio debruçado!
– Agora, se em mim
te fias, Fica séria,
não te rias,
O juramento é sagrado.

“– Eu juro sobre estas
tranças, “E pelas
chamas que lanças
“Desses teus olhos
divinos; “Eu juro,
minha inocente,
“Embalar-te
docemente
“Ao som dos mais ternos hinos!

“Pelas ondas, pelas flores,
“Que se estremecem de amores
“Da brisa ao sopro
lascivo; “Eu juro, por
minha vida, “Deitar-me a
teus pés, querida,
“Humilde como um
cativo!

“Pelos lírios, pelas
rosas, “Pelas estrelas
formosas, “Pelo sol
que brilha agora, “–
Eu juro dar-te,
Maria, “Quarenta
beijos por dia “E dez
abraços por hora!”

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito
Apontando ao coração;
E agora – por vida minha,
Tu verás oh! moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não!...

Rio – 1857.

XXII

PERFUMES E

AMOR.

NA PRIMEIRA FOLHA DUM ÁLBUM.

A flor mimosa que abrilhanta o prado
Ao sol nascente vai pedir fulgor;
E o sol, abrindo da açucena
as folhas, Dá-lhe perfumes –
e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol,
seus raios, Embora sinta nesta
fronte ardor,
Sempre quisera ao encetar teu álbum
Dar-lhe perfumes – desejar-lhe amor.

Meu Deus! nas folhas deste livro puro
Não manche o pranto da
inocência o alvor, Mas cada canto
que cair dos lábios
Traga perfumes – e murmure amor.

Aqui se junte, qual num
ramo santo, Do nardo o
aroma e da camélia a cor,
E possa a virgem, percorrendo as
folhas, Sorver perfumes – respirar
amor.

Encontre a bela, caprichosa
sempre, Nos ternos hinos
d'infantil frescor

Entrelaçados na grinalda
amiga Doces perfumes – e
celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde
O doce anelo do feliz cantor:
– “Meu Deus! nas folhas do meu livro d’alma

Sobram perfumes – e não falta

amor!” Junho – 1858.

XXIII

SEGREDOS.

Eu tenho uns amores – quem é que
os não tinha
Nos tempos antigos? – Amar não faz
mal;
As almas que sentem paixão como a
minha
Que digam, que falem em regra
geral.

– A flor dos meus sonhos é moça e
bonita
Qual flor entreaberta do dia ao raiar,
Mas onde ela mora, que casa ela
habita,
Não quero, não posso, não devo
contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe
elegante, Seus lábios de rosa, a fala
é de mel,
As tranças compridas, qual livre
bacante,
O pé de criança, cintura de anel;
– Os olhos rasgados são cor das
safiras
Serenos e puros, azuis como o mar;
Se falam sinceros, se pregam
mentiras,
Não quero, não posso, não devo
contar!

Oh! ontem no baile com ela
valsando
Senti as delicias dos anjos do céu!
Na dança ligeira qual silfo voando
Caiu-lhe do rosto seu cândido véu!
– Que noite e que baile ! – Seu hálito
virgem
Queimava-me as faces no louco
valsar,
As falas sentidas que os olhos
falavam
Não posso, não quero, não devo
contar!

Depois indolente firmou-se em meu
braço, Fugimos das salas, do mundo
talvez!
Inda era mais bela rendida ao
cansaço
Morrendo de amores em tal
languidez!
– Que noite e que festa! e que
lânguido rosto
Banhado ao reflexo do branco luar!
A neve do colo e as ondas dos seios
Não quero, não posso, não devo
contar!

A noite é sublime! – Tem longos
queixumes, Mistérios profundos que
eu mesmo não sei: Do mar os
gemidos, do prado os perfumes, De
amor me mataram, de amor
suspirei!
– Agora eu vos juro... Palavra! –
não minto
Ouvi-a formosa também suspirar;
Os doces suspiros que os ecos
ouviram
Não quero, não posso, não devo
contar!

Então nesse instante nas águas do rio
Passava uma barca, e o bom
remador Cantava na flauta: – “Nas
noites d’estio
O céu tem estrelas, o mar tem
amor!” –
– E a voz maviosa do bom

gondoleiro
Repete cantando: – “viver é amar!”

–

Se os peitos respondem à voz do
barqueiro... Não quero, não posso,
não devo contar!

Trememos de medo... a boca
emudece Mas sentem-se os pulos do
meu coração! Seu seio nevado de
amor se intumescer... E os lábios se
tocam no ardor da paixão!

– Depois... mas já vejo que vós,
meus senhores, Com fina malícia
quereis me enganar.

Aqui faço ponto; – segredos de
amores

Não quero, não posso, não devo
contar!

Rio – 1857.

XXIV

CLARA.

Não sabes, Clara, que pena
Eu teria se – morena
Tu fosses em vez de clara!
Talvez... Quem sabe?... não
digo... Mas refletindo
comigo
Talvez nem tanto te amara!

A tua cor é mimosa,
Brilha mais da face a
rosa, Tem mais graça
a boca breve. O teu
sorriso é delírio...
És alva da cor do
lírio, És clara da
cor da neve!

A morena é
predileta, Mas a
clara é do poeta:
Assim se pintam
arcanjos. Qualquer,

encantos encerra,
Mas a morena é da
terra
Enquanto a clara é dos anjos!

Mulher morena é
ardente: Prende o
amante demente
Nos fios do seu
cabelo;
– A clara é sempre
mais fria, Mas dá-me
licença um dia Que
eu vou arder no teu
gelo!

A cor morena é
bonita, Mas nada,
nada te imita Nem
mesmo sequer de
leve.

– O teu sorriso é
delírio... És alva da
cor do lírio,
És clara da cor da neve!

XXV

A

VALSA.

A

M.***

Tu,
ontem,
Na
dança
Que
cansa,
Voavas
Co'as
faces
Em
rosas

Formosas
De
vivo,
Lascivo
Carmim;
Na
valsa
Tão
falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranqüila,
Serena,
Sem
pena
De
mim!

Quem
dera
Que
sintas
As
dores
De
amores
Que
louco
Senti!
Quem
dera
Que
sintas!
– Não
negues
Não
mintas...
– Eu
vi!...

Valsavas:
– Teus
belos
Cabelos,
Já
soltos,
Revoltos,
Saltavam,

Voavam,
Brincavam
No
colo
Que é
meu;
E os
olhos
Escuros
Tão
puros,
Os
olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias
P`ra
outro
Não
eu!

Quem
dera
Que
sintas
As
dores
De
amores
Que
louco
Senti!
Quem
dera
Que sintas!...
– Não
negues,
Não
mintas...
– Eu vi!...

Meu
Deus!
Eras
bela
Donzela,
Valsando,
Sorrindo,
Fugindo,

Qual
silfo
Risonho
Que em sonho
Nos
vem!
Mas
esse
Sorriso
Tão
liso
Que
tinhas
Nos
lábios
De
rosa,
Formosa,
Tu
davas,
Mandavas
A
quem?!

Quem dera
Que sintas
As
dores
De
amores
Que
louco
Senti!
Quem
dera
Que sintas!...
– Não
negues,
Não
mintas...
– Eu vi!...

Calado,
Sozinho,
Mesquinho,
Em
ze los
Ardendo,
Eu
vi-

te
Correndo
Tão
falsa
Na
valsa
Veloz!
Eu
triste
Vi
tudo!
Mas
mudo
Não
tive
Nas
galas
Das
salas,
Nem
falas,
Nem
cantos,
Nem
prantos
Nem
voz!

Quem
dera
Que
sintas
As
dores
De
amores
Que
louco
Senti!
Quem
dera
Que sintas!
– Não
negues,
Não
mintas...
– Eu vi!...

Na
valsa
Cansaste;

Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Cismavas,

E
estavas
Tão
pálida
Então;
Qual
pálida
Rosa
Mimosa,
No
vale
Do
vento
Cruento
Batida,
Caída
Sem
vida
No
chão!

Quem
dera
Que
sintas
As
dores
De
amores
Que
louco
Senti!
Quem
dera
Que sintas!...
– Não
negues,
Não
mintas...
– Eu vi!...

BORBOLETA.

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as
flores, Porque és
volúvel assim? Porque
deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a
rosa
E vais beijar o jasmim?

Pois essa alma é tão
sedenta Que um só
amor não contenta E
louca quer variar?
Se já tens amores belos,
P'ra que vais dar teus desvelos
Aos goivos da beira-mar?

Não sabes que a flor traída
Na débil haste
pendida Em
breve murcha
será? Que de
ciúmes fenece

E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá?...

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as
flores, Porque és
volúvel assim? Porque
deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?!

Tu vês a flor da
campina, E bela e
terna e divina,
Tu dás-lhe o que essa
alma tem; Depois,
passado o delírio,
Esqueces o pobre lírio
Em troca duma cecém!

Mas tu não sabes,
louquinha, Que a flor
que pobre definha

Merece mais
compaixão? Que a
desgraçada precisa,
Como do sopro da
brisa,
Os ais do teu coração?

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as
flores, Porque és
volúvel assim? Porque
deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vais beijar o jasmim?

Se a borboleta
dourada Esquece a
rosa encarnada Em
troca dum outra
flor; Ela – a triste,
molemente Pendida
sobre a corrente,
Falece à míngua
d'amor.

Tu também minha inconstante
Tens tido mais dum
amante E nunca
amaste a um só!
Eles morrem de
saudades, Mas tu na
variedade
Vais vivendo e não tens dó!

Ai! és muito
caprichosa! Sem
pena deixas a rosa
E vais beijar outras
flores; Esqueces os
que te amam... Por
isso todos te
chamam :

– Borboleta dos amores!

XXVII

QUANDO TU

CHORAS.

Quando tu choras, meu amor,
teu rosto Brilha formoso com
mais doce encanto, E as leves
sombrias de infantil desgosto
Tornam mais belo o cristalino
pranto.

Oh! nessa idade da paixão lasciva
Como o prazer, é o chorar preciso:
Mas breve passa – qual a chuva
estiva – E quase ao pranto se
mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzela,
É sempre belo quando a virgem chora:
– Semelha a rosa pudibunda e bela
Toda banhada do orvalho da aurora.

Da noite o pranto, que tão
pouco dura, Brilha nas folhas
como um rir celeste, E a
mesma gota transparente e
pura Treme na relva que a
campina veste.

Depois o sol, como sultão
brilhante, De luz inunda o seu
gentil serralho,
É às flores todas – tão feliz
amante – Cioso sorve o
matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais
formosa, Brilha teu rosto com
mais doce encanto:
– Serei o sol e tu serás a rosa...

Chora, meu anjo, – beberei teu

pranto! Rio – 1858.

XXVIII

CANTO DE

AMOR. A

M.***

I

Eu vi-a e minha alma antes de
vê-la Sonhara-a linda como
agora a vi; Nos puros olhos e
na face bela,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o
mesmo rosto, Os mesmos olhos
só nadando em luz,
E uns doces longes, como dum
desgosto. Toldando a fronte que de
amor seduz!

E seu talhe era o mesmo,
esbelto, airoso Como a palmeira
que se ergue ao ar, Como a
tulipa ao pôr-do-sol saudoso,
Mole vergando à viração do mar.

Era a mesma visão que eu dantes
via, Quando a minha alma
transbordava em fé; E nesta eu
creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei
que é!

No silêncio da noite a virgem
vinha Soltas as tranças junto a
mim dormir; E era bela, meu
Deus, assim sozinha No seu
sono d'infante inda a sorrir!...

II

Vi-a e não vi-a! Foi num só
segundo,
Tal como a brisa ao perpassar
na flor, Mas nesse instante
resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu d'afago,
E minha imagem nem sequer
guardou, Qual se reflete sobre a
flor dum lago
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista espairecendo vaga,
Quase indolente, não me viu, ai,
não! Mas eu que sinto tão
profunda a chaga Ainda a vejo
como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estátua antiga
No altar erguida, já cabido o véu!
Que olhar de fogo, que a paixão
instiga? Que níveo colo
prometendo um céu.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhara assim;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim!

III

P'ra ti, formosa, o meu sonhar
de louco
E o dom fatal, que desde o berço
é meu; Mas se os cantos da lira
achares pouco, Pede-me a vida,
porque tudo é teu.

Se queres culto – como um crente
adoro, Se preto queres – eu te caio
aos pés,
Se rires – rio, se chorares – choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus lábios um sorrir
fagueiro, E desses olhos um volver,
um só;
E verás que meu estro, hoje
rasteiro, Cantando amores
s'erguerá do pó!

Vem reclinar-te, como a flor
pendida, Sobre este peito cuja
voz calei:
Pede-me um beijo... e tu terás,

querida, Toda a paixão que para
ti guardei.

Do morto peito vem turbar a
calma, Virgem, terás o que
ninguém te dá;
Em delírios d'amor dou-te a minha
alma, Na terra, a vida, a eternidade
– lá!

IV

Se tu, oh linda, em chama igual te
abrasas, Oh! não me tardes, não
me tardes, – vem! Da fantasia nas
douradas asas
Nós viveremos noutro mundo – além!

De belos sonhos nosso amor
povão, Vida bebendo nos
olhares teus;
E como a garça que levanta o
vôo, Minha alma em hinos falará
com Deus!

Juntas, unidas num estreito
abraço, As nossas almas
uma só serão;
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Criará poemas d'imortal paixão!

Oh! vem, formosa, meu amor
é santo, É grande e belo como
é grande o mar,
E doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar!

Oh! vem depressa, minha vida
foge... Sou como o lírio que já
murcho cai! Ampara o lírio que
inda é tempo hoje! Orvalha o
lírio que morrendo vai!...

XXIX

VIOLETA.

Sempre teu lábio severo
Me chama de borboleta!
– Se eu deixo as rosas do prado
É só por ti – violeta!

Tu és formosa e
modesta, As outras
são tão vaidosas!
Embora vivas na
sombra
Amo-te mais do que às rosas.

A borboleta travessa
Vive de sol e de flores.
– Eu quero o sol de teus
olhos, O néctar dos teus
amores!

Cativo de teu perfume
Não mais serei borboleta;
– Deixa eu dormir no
teu seio, Dá-me o teu
mel – violeta!

4 de Abril.

XXX

O
QUE? Em que cismas, poeta? Que
saudades
Te adormecem na mágica
fragrância Das rosas do
passado já pendidas? Nos
sonhos d'alma que te lembra?
– A
infância!

Que sombra, que fantasma vem banhado
No doce eflúvio dessa quadra
linda? E a mente a folhear os
dias idos
Que nome te recorda agora?

—
Arinda!

Mas se passa essa quadra,
fugitiva, Qual no horizonte
solitária vela,
Por que cismar na vida e no
passado? E de quem são
essas saudades?

—
Dela!

E se a virgem viesse agora
mesmo Surgindo bela qual
visão de amores, Tu, p'ra
saudá-la bem do imo d'alma
Diz-me, poeta – o que
escolhias?

—
Flores.

E se ela, farta dos aromas doces
Que tem achado nos jardins
divinos, Tão caprichosa
machucasse as rosas... Diz-me,
meu louco, o que mais tinhas?

—
Hinos!

E se, teimosa, rejeitando a
lira, A fronte virgem para ti
pendida, Dum beijo a paga te
pedisse altiva... O que lhe
davas, meu poeta?

—
A vida! Rio – 1858.

XXXI

SONHOS DE
VIRGEM.

A

M.***

I.

Que sonhas, virgem, nos sonhos
Que à mente te vem
risonhos Na
primavera inda em
flor? No celeste
devaneio,
No doce bater do seio,
Que sonhas virgem? – amor?

Que céus, que jardins, que
flores, Que longos cantos
de amores
Nos lindos sonhos te
vem? E quando a
mente delira,
E quando o peito
suspira, Suspira o
peito – por quem?
Sonhando mesmo
acordada, Pendida a
fronte adorada Num
cismar vago e sem
fim; Do olhar o fogo
tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é – por mim?!

II.

Quando tu dormes
tranqüila, Cerrada a
negra pupila
E o lábio doce a
sorrir; Então o
sonho dourado Nas
dobras do cortinado
Vem esmaltar teu
dormir!

Oh! sonha! – Feliz a
idade Das rosas da
virgindade, Dos
sonhos do coração!
– Puro vergel de
açucenas Ou lago
d'águas serenas

Que estremece à
viração!

Feliz! Feliz quem
pudera Colher-te
na primavera De
galas rica e
louçã!
Feliz oh! flor dos
amores, Quem te
beber os odores
Nos orvalhos da
manhã!

Rio – 1858.

XXXII

ASSIM!

A
M.***

Viste o lírio da
campina?
Lá
s'inclina
E murcho no hastil pendeu!
– Viste o lírio da
campina?
Pois,
divina,
Como o lírio assim
sou eu!

Nunca ouviste a voz
da flauta, A dor
do nauta
Suspirando no alto mar?
– Nunca ouviste a voz da flauta?
Como o
nauta
É tão triste o meu cantar!

Não viste a rola sem ninho
No
caminho

Gemendo, se a noite vem?
– Não viste a rola sem ninho?
 Pois,
anjinho, Assim eu
gemo, também!

Não viste a barca
 perdida,
 Sacudida
Nas asas dalgum tufão?
– Não viste a barca fendida?
 Pois
 querida
Assim vai meu coração!

Rio – 1858.

XXXIII

QUANDO?!...

Não era belo, Maria,
Aquele tempo de
amores, Quando o
mundo nos sorria,
Quando a terra era só
flores Da vida na
primavera?

–
Era!

Não tinha o prado
mais rosas, O sabiá
mais gorjeios,
O céu mais nuvens
formosas, E mais
puros devaneios
A tua alma inocentinha?

–
Tinha!

E como achavas,
Maria, Aqueles
doces instantes
De poética
harmonia

Em que as brisas doudejantes
Folgavam nos teus cabelos?

—
Belos!

Como tremias oh! vida,
Se em mim os olhos
fitavas! Como eras
linda, querida,
Quando d'amor
suspiravas
Naquela encantada aurora!

—
Ora!

E diz-me: não te recordas
— Debaixo do
cajueiro — Lá da
lagoa nas bordas
Aquele beijo
primeiro? Já o
dia já findando...

—
Quando?!...

Rio — 1858.

XXXIV

SEMPRE SONHOS!...

Se eu tivesse, meu Deus, santos
amores, Eu m'erguera
cantando essa paixão,
E atirara p'ra longe — sem
saudade — Este véu que me
cobre a mocidade
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardo do
rochedo Quase morto dos
ventos ao rigor, Encontrara
de novo a minha vida,
O sol da primavera e a luz
perdida,
Nos braços desse amor!

Minha frente, que pende sofredora
Acharia, meu Deus, inspirações,

E o fogo que queimou Gilbert e Dante^[6]
Correria mais puro e mais constante
Na lira das canções!

No mundo tão gentil dos
devaneios Minh'alma mais
feliz saudara a luz, E
apagara, Senhor, num beijo
purô A dor imensa da perda
do futuro
Que à morte me conduz.

Por ela eu deixaria a voz das turbas
E esta ânsia infeliz de
gloria vã; Na vida que nos
corre tão sombria Eu seria,
meu Deus, seu doce guia,
E ela – minha irmã!

Eu velara, Senhor, pelos seus
dias, Como a mãe vela o
filho que dormiu: Se um dia
ela soltasse um só gemido,

Eu iria saber porque ferido
Seu seio assim buliu!

Como à sombra das árvores da pátria
S'embara a doce filha dos tupis,
A sombra da ventura e da esperança
Embalara, meu Deus, essa criança
Nos cantos juvenis!

Como o nauta olha o céu de
primavera, Eu, sentado a seus
pés, ébrio de amor, Espreitara
tremendo no seu rosto
A sombra fugitiva dum
desgosto,
À nuvem duma dor!

Eu lhe iria mostrar nos hinos
d'alma Outro mundo, outro céu,
outros vergéis; Nossa vida seria

um doce afago,
Nós – dois cisnes vogando em manso lago,
– Amor – nossos batéis!

Se eu tivesse, meu Deus, santos
amores, Eu deixara este amor
da glória vã;
Nesse mundo de luz, doce e
risonho, A pudibunda virgem
do meu sonho
Seria minha irmã!

.... – 1858

XXXV

O QUE É –
SIMPATIA.
A UMA

MENINA. Simpatia – é o sentimento
Que nasce num só momento
Sincero, no
coração; São dois
olhares acesos Bem
juntos, unidos,
presos Numa
mágica atração.

Simpatia – são dois
galhos Banhados de
bons orvalhos Nas
mangueiras do
jardim; Bem longo às
vezes nascidos, Mas
que se juntam
crescidos E que se
abraçam por fim.

São duas almas bem gêmeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram nos
mesmos ais; São
vozes de dois
amantes, Duas liras
semelhantes,
Ou dois poemas iguais.

Simpatia – meu
anjinho, É o
canto do
passarinho, É o
doce aroma da
flor;
São nuvens dum céu
d'Agosto, É o que
m'inspira teu rosto...
– Simpatia – é – quase amor!

Indaiassú – 1857.

XXXVI

PALAVRAS NO MAR.

Se eu fosse
amado!... Se
um rosto
virgem Doce
vertigem
Me desse n'alma
Turbando a calma
Que me
enlanguede!...
Oh! se eu
pudesse Hoje
– sequer –
Fartar desejos
Nos longos beijos
Duma mulher!...

Se o peito
morto
Doce
conforto
Sentisse
agora Na
sua dor;
Talvez
nest'hora
Viver
quisera

Na
primavera
De casto
amor!
Então
minh'alma,
Turbada a
calma,
– Harpa
vibrada Por
mão de fada
– Como a
calhandra
Saúda o dia,
Em meigos cantos
Se exalaria
Na melodia
Dos sonhos
meus; E
louca e
terna Nessa
vertigem
Amara a
virgem
Cantando a
Deus!

Avon – 1857.

XXXVII

PEPITA.

A toi! toujours a toi!
V. Hugo.

Minh'alma é mundo virge' – ilha
perdida – Em lagos de
cristais;
Vem, Pepita, – Colombo dos
amores, – Vem descobri-lo, no
país das flores
Sultana reinarás!

Eu serei teu vassalo e teu cativo
Nas terras onde és rei

A sombra dos bambus vem tu ser minha
Teu reinado de amor, doce
rainha, Na lira
cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem penas
Sozinho a pipilar;
– Vem tu, Pepita, visitá-lo ao
ninho; As asas a bater, o
passarinho
Contigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha toda estéril
Nos plainos do Sarah; ^{7}
Vem tu – fada de amor – dar-lhe co'a vara...
– Qual do penedo que Moisés tocara
O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo,
encadernado, Co'as folhas
em cetim;
– Vem tu, Pepita, soletrá-lo
um dia... Tem poemas de
amor, tem melodia
Em cânticos sem fim!

Minh'alma é o batel prendido à margem
Sem leme, em ócio vil

– Vem soltá-lo, Pepita, e correremos
– Soltas as velas – desprezando
remos, Que o mar é todo
anil.

Minh'alma é um jardim oculto em sombras
Co'as flores em botão;
– Vem ser da primavera o
sopro louco, Vem tu, Pepita,
bafegar-me um pouco
Que as rosas
abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais
sonhos, A vida mais prazer;
– Vem, Pepita, das tardes no
remanso, Da rede dos amores
no balanço

Comigo adormecer.

Oh! vem! eu sou a flor aberta à noite

Pendida no arrebol!

Dá-me um carinho dessa voz

lasciva, E a flor pendida

s'erguerá mais viva

Aos raios desse sol!

Bem vêes, sou como a planta que definha

Torrada do calor.

– Dá-me o riso feliz em vez da

mágoa... O lírio morto quer a

gota d'água,

– Eu quero o teu

amor! Rio – 1858.

XXXVIII

VISÃO.

Uma noite, meu Deus, que
noite aquela! Por entre as galas,

no fervor da dança,

Ví passar, qual num sonho

vaporoso, O rosto virginal

duma criança.

Sorri-me – era o sonho de minh'alma

Esse riso infantil que o lábio tinha:

– Talvez que essa alma dos amores puros

Pudesse um dia conversar co'a minha!

Eu olhei, ela olhou... doce

mistério! Minh'alma despertou-

se à luz da vida, E as vozes

duma lira e dum piano Juntas se

uniram na canção querida.

Depois eu indolente

descuidei-me Da planta

nova dos gentis amores, E

a criança, correndo pela

vida,

Foi colher nos jardins mais lindas flores.

Não voltou; – talvez ela adormecesse
Junto à fonte, deitada na verdura,
E – sonhando – a criança se recorde
Do moço que ela viu e que a procura!

Corri pelas campinas noite e dia
Atrás do berço d'ouro dessa
fada; Rasguei-me nos espinhos
do caminho... Cansei-me a
procurar e não vi nada!

Agora como um louco eu fito as turbas
Sempre a ver se descubro a face linda...
– Os outros a sorrir passam
cantando, Só eu a suspirar
procuro ainda!...

Onde foste, visão dos meus
amores! Minh'alma sem te
ver louca suspira!
– Nunca mais unirás, sombra
encantada, O som do teu piano
à voz da lira?!...

Setembro – 1858

XXXIX

QUEIXUMES.

Olho e vejo... tudo
é gala, Tudo canta
e tudo fala,
Só minh'alma
Não se acalma,
Muda e triste não se
ri! Minha mente já
delira, E meu peito
só suspira

Por ti!
Por ti!

Ai! quem me dera essa vida
Tão bela e
doce

vivida
Nos
meus
lares
Sem
pesares

No sossego só dali!
Não tinha-te visto as
tranças, Nem rasgado
as esperanças
Por ti!
Por ti!

Perdi as flores da
idade, E na flor
da mocidade
É meu canto
– Todo
pranto – Qual a
voz da juriti!
No teu sorriso embebido
Deixei meu sonho querido
Por ti! Por ti!

Ai! se eu pudesse,
formosa, Roçar-te
os lábios de rosa
Como às flores
– Seus
amores – Faz o
louco colibri;
Esta minh'alma nos hinos
Erguera cantos divinos
Por ti! Por ti!

Ai! assim viver não
posso! Morrerei, meu
Deus, bem moço,
– Qual n'aurora
Que
descora,
Desfolhado
bogari;
Mas lá da campa na beira
Será a voz derradeira
Por ti! Por ti!

Ai! não m'esqueças
já morto! À
minh'alma dá

conforto,
Diz na lousa:
– “Ele
repousa, “Coitado!
descansa aqui!” – Ai!
não t’esqueças,
senhora, Da flor
pendida n’aurora
Por ti! Por ti!...

Junho – 1858.

XL

AMOR E
MEDO.

I.

Quanto eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,
Contigo dizes, suspirando amores:
“– Meu Deus! que gelo, que frieza aquela.”

Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz
segredo, E se te fujo é que
te adoro louco...
És bela – eu moço; tens amor – eu medo!

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silêncio ou
vozes, Das folhas secas, do
chorar das fontes, Das horas
longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em
dores, A luz da aurora me
intumesce os seios, E ao vento
fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de cruéis receios.

É que esse vento que na várzea –
ao longe, Do colmo o fumo

caprichoso ondeia, Soprando um
dia tornaria incêndio
A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o
cedro, Cedendo ao raio que a
tormenta envia, Diz – que seria
da plantinha humilde Que à
sombra dele tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao
tronco Torrara a planta qual
queimara o galho, E a pobre
nunca reviver pudera Chovesse
embora paternal orvalho!

II.

Ai! se eu te visse no calor da
sesta,
A mão tremente no calor das
tuas, Amarrutado o teu vestido
branco, Soltos cabelos nas
espáduas nuas!...

Ai! se eu te visse,
Magdalena pura, Sobre o
veludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volúpia
doce,
Os braços frouxos – palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez
sublime, Na face as rosas
virginais do pejo, Trêmula a fala
a protestar baixinho... Vermelha
a boca, soluçando um beijo!...

Diz – que seria da pureza
d'anjo,
Das vestes alvas, do candor
das asas?
– Tu te queimaras, a pisar
descalça,
– Criança louca, – sobre um chão de
brasas!

No fogo vivo eu me abrasara
inteiro! Ébrio e sedento na
fugaz vertigem
Vil, machucara com meu dedo
impuro

As pobres flores da grinalda
virgem!

Vampiro infame, eu sorveria
em beijos Toda a inocência que
teu lábio encerra, E tu serias no
lascivo abraço
Anjo enlodado nos
pauis^{8} da terra.

Depois... desperta no febril
delírio,
– Olhos pisados – como um vão
lamento, Tu perguntaras: – qu'ê
da minha c'roa?... Eu te diria: –
desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração
de gelo! Bem vês: traí-me no
fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bela – eu moço; tens amor, eu –
medo!... Outubro – 1858.

XLI

PERDÃO!

I

Choraste?! – E a face mimosa
Perdeu as cores da
rosa E o seio todo
tremeu?! Choraste,
pomba adorada? E
a lágrima cristalina
Banhou-te a face
divina
E a bela fronte inspirada
Pálida e triste pendeu?!

Choraste?! – E longe não pude

Sorver-te a lágrima pura

Que banhou-te a
formosura! Ouvir-te a
voz de alaúde
A lamentar-se
sentida! Humilde
cair-te aos pés,
Oferecer-te esta
vida
No sacrifício mais
santo, Para poupar
esse pranto Que te
rolou sobre a tez!

Choraste?! – De
envergonhada, No teu
pudor ofendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palácio de fada,
– No sonhar da
fantasia – Ardeu em
loucos desejos,
Ousou cobrir-te de
beijos
E quis manchar-te na orgia!

.....
II.

Perdão p'r'o pobre demente
Culpado, sim, – inocente
– Que se te amou, foi
demais! Perdão p'ra mim
que não pude Calar a voz
do alaúde,
Nem comprimir os meus ais!

Perdão oh! flor dos amores,
Se quis manchar-te os
verdores, Se quis tirar-te
do hastil!
– Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o
perfume... E fui
covarde e fui vil!...

.....
III

Eu sei, devera sozinho

Sofrer comigo o
tormento E na dor do
pensamento Devorar
essa agonia!
– Devera, sedento
algoz, Em vez de
sonhos felizes, Cortar
no peito as raízes
Desse amor, e tão
descrido Dos hinos
matar-lhe a voz!
– Devera, pobre fingido,
Tendo n'alma atroz
desgosto, Mostrar
sorrisos no rosto,
Em vez de mágoas –
prazer, E mudo e
triste e penando,
Como um perdido te
amando, Sentir, calar-
me e – morrer!

.....

Não pude! – A mente fervia,
O coração
trasbordava,
Interna voz me
falava,
E louco ouvindo a
harmonia Que a alma
continha em si, Soltei
na febre o meu canto
E do delírio no pranto
Morri de amores – por ti!

.....

IV.

Perdão! se fui desvairado
Manchar-te a flor
d' inocência E do meu
canto n'ardência
Ferir-te no coração!
– Será enorme o
pecado, Mas
tremenda a
expição Se me
deres por sentença
Da tua alma a
indiferença, Do teu

lábio a maldição!...

.....
Perdão, senhora!... Perdão!...

Junho – 1858.

XLII

MOCIDADE.

Ninon, Ninon, que fais tu de la
vie? L'heure s'enfuit, le jour
succede au jour.

Rose ce soir, demain
flétrie, Comment vis-tu, toi qui n'as
pas d'amour?!

Musset.

Doce filha da lânguida tristeza
Ergue a fronte pendida – o sol
fulgura! Quando a terra sorri-se e o
mar suspira Por que te banha o
rosto essa amargura?!

Por que chorar quando a natura
é risos, Quando no prado a
primavera é flores?
– Não foge a rosa quando o sol a busca
Antes se abraça nos gentis fulgores.

Não! – Viver é amar, é ter um dia
Um amigo, uma mão que nos afague;
Uma voz que nos diga os seus
queixumes, Que as nossas mágoas
com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido
Sem sombra doce, ou viração calmante;
– Amor – é a fonte que nasceu nas pedras
E mata a sede à caravana errante.

Amai-vos! disse Deus criando o
mundo, Amemos! – disse Adão

no paraíso,
Amor! – murmura o mar nos seus
queixumes, Amor! – repete a terra num
sorriso!

Doce filha da lânguida tristeza
Tua alma a suspirar de amor definha...
– Abre os olhos gentis à luz da
vida, Vem ouvir no silêncio a voz
da minha!

Amemos! Este mundo é tão tristonho!
A vida, como um sonho – brilha e
passa; Porque não havemos p'ra
acalmar as dores Chegar aos lábios
o licor da taça?

O mundo! o mundo! – E que te importa o mundo?
– Velho invejoso, a resmungar
baixinho! Nada perturba a paz
serena e doce
Que as rolas gozam no seu casto ninho.

Amemos! – tudo vive e tudo
canta... Cantemos! seja a vida –
hinos e flores; De azul se veste o
céu... vistamos ambos O manto
perfumado dos amores.

.....
Doce filha da lânguida tristeza
Ergue a fronte pendida – o sol fulgura!
– Como a flor indolente da campina
Abre ao sol da paixão tua

alma pura! Setembro – 1858.

XLIII

NOIVADO.

Filha do céu – oh flor das
esperanças, Eu sinto um mundo
no bater do peito! Quando a lua
brilhar num céu sem nuvens
Desfolha rosas no virgíneo leito.

.....

Nas horas do silêncio inda és mais bela!
Banhada do luar, num
vago anseio, Os negros
olhos de volúpia mortos
Por sob a gaze te
estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é
calmo, Dorme a floresta – meu
amor só, vela; Suspira a fonte e
minha voz sentida
É doce e triste como as vozes dela.

Qual eco fraco de amorosa queixa
Perpassa a brisa na magnólia verde,
E o som magoado do tremer das folhas
Longe – bem longe – devagar se perde.

Que céu tão puro! que silêncio
agusto! Que aromas doces!
que natura esta! Cansada a
terra adormeceu sorrindo Bem
como a virgem no cair da
sesta!

Vem! tudo é tranqüilo, a terra
dorme, Bebe o sereno o lírio
do valado...
– Sozinhos, sobre a relva da
campina, Que belo que será
nosso noivado!

Tu dormirás ao som dos meus
cantares Oh! filha do sertão!
sobre o meu peito. O moço
triste, o sonhador mancebo
Desfolha rosas no teu casto
leito.

.....
....– 1858.

irmãs queridas,
Ou a mãe que sofre pela filha bela,
Eu – de joelhos – com as mãos
erguidas, Suplico ao céu a
felicidade dela.

– “Senhor meu Deus, que sois clemente e
justo, Que dais voz às brisas e perfume à
rosa,
Oh! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa!

Lançai os olhos sobre a linda
filha, Dai-lhe o sossego no seu
casto ninho, E da vereda que
seu pé já trilha
Tirai a pedra e desviai o espinho!

Senhor! livrai-a da rajada dura
A flor mimosa que desponta
agora; Deitai-lhe orvalho na
corola pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora!

A doce virgem como a tenra planta
Nunca floresce sobre terra ingrata;
– Bem como a rola – qualquer folha a espanta,
– Bem como o lírio – qualquer vento a mata.

Ela é a rola que a floresta cria,
Ela é o lírio que a manhã
descerra... Senhor, amai-a! – a
sua voz macia Como a das aves,
a inocência encerra!

Sua alma pura na novel vertigem
Pede ao amor o seu futuro inteiro...
– Senhor! ouvi o suspirar da
virgem, Dourai-lhe os sonhos no
sonhar primeiro!

A mocidade, como a deusa antiga,
Na fronte virgem lhe derrama flores...
– Abri-lhe as rosas da grinalda
amiga, Na mocidade derramai-
lhe amores!

Cercai-a sempre de bondade

terna, Lançai orvalho sobre a
flor querida; Fazei-lhe oh Deus!
a primavera eterna, Dai-lhe
bafejos – prolongai-lhe a vida!

Depois – de joelhos – eu direi sois
justo, Senhor! mil graças eu vos
rendo agora! Vós protegestes com
o manto augusto

A doce virgem que a minh'alma

adora! – Dezembro – 1858.

LIVRO TERCEIRO

Nascer, lutar, sofrer– eis toda a (???)

Gonçalves Dias.

XLV

TRES

CANTOS. Quando se brinca contente
Ao despontar da
existência Nos
folguedos de
inocência, Nos
delírios de criança;
A alma, que
desabrocha
Alegre, cândida
e pura – Nessa
contínua ventura
É toda um hino: – esperança!

Depois... na quadra
ditosa, Nos dias da
juventude, Quando o
peito é um alaúde, E
que a frente tem
calor;
A alma que então se
expande Ardente,
fogososa e bela –
Idolatrando a donzela
Soletra em trovas: – amor!

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos
desenganos, E o
lento correr dos
anos Envenena a
mocidade; Então
a alma cansada
Dos belos sonhos
despida, Chorando a
passada vida – Só tem

um canto: – saudade!

Fevereiro – 1858.

XLVI

ILUSÃO.

Quando o astro do dia
desmaia
Só brilhando com pálido
lume,
E que a onda que brinca
na praia
No murmúrio soletra um
queixume;

Quando a brisa da tarde
respira O perfume das
rosas do prado, E que a
fonte do vale suspira
Como o nauta da pátria
afastado;

Quando o bronze da torre da
aldeia
Seus gemidos aos ecos
envia,
E que o peito que em mágoas
anseia
Bebe louco essa grave
harmonia;

Quando a terra, da vida
cansada, Adormece num
leito de flores Qual donzela
formosa embalada Pelos
cantos dos seus trovadores;

Eu de pé sobre as rochas
erguidas Sinto o pranto que
manso desliza E repito essas
queixas sentidas
Que murmuram as ondas co'a
brisa.

É então que a minha alma
dormente
Duma vaga tristeza se

inunda,
E que um rosto formoso,
inocente, Me desperta
saudade profunda.

Julgo ver sobre o mar
sossegado Um navio nas
sombas fugindo, E na
popa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se
sorrindo!

Compreendo esse amargo
sorriso, Sobre as ondas
correr eu quisera... E de pé
sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado: – não fujas, –
espera!

Mas o vento já leva
ligeiro Esse sonho
querido dum dia, Essa
virgem de rosto
fagueiro, Esse rosto de
tanta poesia!...

E depois... quando a lua
ilumina

O horizonte com luz
prateada, Julgo ver
essa fronte divina
Sobre as vagas cismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
Em delírio nos meus se fitando,
E uma voz em acentos plangentes
Vem de longe um – adeus – soluçando!

.....

Ilusão!... que a minha alma,
coitada, De ilusões hoje em
dia é que vive;
É chorando uma gloria passada,
É carpindo uns amores que

eu tive! Lisboa – 1856.

XLVII

SONHANDO.

Um dia, oh linda,
embalada Ao canto
do gondoleiro,
Adormeceste
inocente
No teu delírio primeiro,
– Por leito o berço das
ondas, Meu colo por
travesseiro!

Eu, pensativo,
cismava Nalgum
remoto desgosto,
Avivado na tristeza
Que a tarde tem, ao
sol-posto, E ora
mirava as nuvens,
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então,
querida, E presa de
vago anseio Debaixo
das roupas brancas
Senti bater o teu seio,
E meu nome num soluço
À flor dos lábios te veio!

Tremeste como
a tulipa Batida do
vento frio...
Suspiraste como
a folha Da brisa
ao doce cicio...
E abriste os olhos sorrindo
Às águas quietas do rio!
Depois – uma vez – sentados
Sob a copa do
arvoredo, Falei-
te desse soluço
Que os lábios abriu-te a medo...
– Mas tu, fugindo, guardaste
Daquele sonho o segredo!...

XLVIII

LEMBRANÇA.

NUM
ÁLBUM.

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma
lembrança, Levando
n' alma a esperança
E a saudade que
consome, Assim
nas folhas do álbum
Eu deixo meu
pobre nome.

E se nas ondas da vida
Minha barca for fendida
E meu corpo
espedaçado, Ao ler
o canto sentido
Do pobre nauta perdido
Teus lábios dirão: – coitado!

Junho – 1858.

XLIX

O
BAILE!

Se junto de mim te
vejo Abre-te a
boca um bocejo, Só
pelo baile suspiras!
Deixas amor –
pelas galas, E vais
ouvir pelas salas

Essas douradas
mentiras!

Tens razão! Mais valem risos
Fingidos, desses Narcisos
– Bonecos que a moda
enfeita – Do que a voz
sincera e rude
De quem, prezando a
virtude, Os atavios
rejeita.

Tens razão! – Valsa,
donzela, A mocidade
é tão bela,
E a vida dura tão
pouco! No
burburinho das
salas, Cercada de
amor e galas, Sê tu
feliz – eu sou louco!

E quando eu seja dormido
Sem luz, sem voz, sem
gemido, No sono que a
dor conforta;
Ao concertar tuas tranças
No meio das contradanças
Diz tu sorrindo: “– Qu’importa?..

“Era um louco, em noites belas
“Vinha fitar as estrelas
“Nas praias, co’ a
fronte nua! “Chorava
canções sentidas “E
ficava horas perdidas
“Sozinho, mirando a
lua!

“Tremia quando falava
“E – pobre tonto – chamava
“O baile – alegrias falsas!
“– Eu gosto mais
dessas falas “Que me
murmuram nas salas
“No ritornelo das
valsas. – ”

Tens razão! – Valsa,

donzela, A mocidade
é tão bela
E a vida dura tão pouco!
P'ra que fez Deus as
mulheres, P'ra que há
na vida prazeres? Tu
tens razão... eu sou
louco!

Sim, valsa, é doce a
alegria, Mas ai! que eu
não veja um dia No
meio de tantas galas –
Dos prazeres na
vertigem, A tua
coroa de virgem
Rolando no pó das
salas!...

Julho – 1858.

L MINH'ALMA É

TRISTE.

Mon coeur est plein – je veux pleurer!
Lamartine.

I

Minh'alma é triste como a
rola aflita
Que o bosque acorda desde o albor da
aurora, E em doce arrulo que o soluço
imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rola que perdeu o
esposo, Minh'alma chora as
ilusões perdidas, E no seu
livro de fanado gozo
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endecha [191](#)
Seu pobre canto com a dor
desmaia, E seus gemidos são
iguais à queixa Que a vaga solta
quando beija a praia.

Como a criança que banhada em
prantos Procura o brinco que

levou-lhe o rio, Minh'alma quer
ressuscitar nos cantos Um só dos
lírios que murchou o estio.

Dizem que há gozos nas
mundanas galas, Mas eu não sei
em que o prazer consiste.
– Ou só no campo, ou no rumor das
salas, Não sei porque – mas a
minh'alma é triste!

II

Minh'alma é triste como a voz
do sino
Carpindo o morto sobre a laje fria;
E doce e grave qual no templo
um hino, Ou como a prece ao
desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas
soltas, Minh'alma o segue
n'ampidão dos mares; E longas
horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Às vezes, louca, num cismar
perdida, Minh'alma triste vai
vagando à toa,

Bem como a folha que do sul batida
Bóia nas águas de gentil lagoa!

E como a rola que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da
aurora, Minh'alma em notas de
chorosa endecha Lamenta os
sonhos que já tive outrora.

Dizem que há gozos no correr dos
anos!... Só eu não sei em que o
prazer consiste.
– Pobre ludíbrio de cruéis
enganos, Perdi os risos – a
minh'alma é triste!

III

Minh'alma é triste como a flor que

morre

Pendida à beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que
corre, Nem doce canto o sabiá
do mato!

E como a flor que solitária pende
Sem ter carícias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguém
entende Que a pobrezinha só de
amor precisa!

Amei outrora com amor bem
santo Os negros olhos de gentil
donzela, Mas dessa fronte de
sublime encanto Outro tirou a
virginal capela.

Oh! quantas vezes a prendi nos
braços! Que o diga e fale o
laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dois laços
Ambos choramos mas num só gemido!

Dizem que há gozos no viver
d'amores, Só eu não sei em que
o prazer consiste!
– Eu vejo o mundo na estação das
flores... Tudo sorri – mas a
minh'alma é triste!

IV

Minh'alma é triste como o grito
agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sobre o mar
sanhudo, Longe da praia que
julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
– Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente
cheia!... No afã da glória me
atirei com ânsia... E, perto ou
longe, quis beijar a s'reia

Que em doce canto me atraiu na infância.

Ai! Loucos sonhos de mancebo
ardente! Esp'ranças altas... Ei-
las já tão rasas!...
– Pombo selvagem, quis voar
contente... Feriu-me a bala no
bater das asas!

Dizem que há gozos no correr
da vida... Só eu não sei em que
o prazer consiste!
– No amor, na glória, na mundana
lida, Foram-se as flores – a
minh'alma é triste!

Março 12. – 1858.

II

PALAVRAS A

ALGUÉM.

Tu folgas travessa e
louca Sem ouvires
meu lamento, Sonhas
jardins d'esmeralda
Nesse virgem
pensamento, Mas olha
que essa grinalda
Bem pode murchá-la
o vento!

Ai que louca! abriste
o livro Da minh'alma,
livro santo, Escrito em
noites d'angústia,
Regado com muito
pranto, E... quase
rasgaste as folhas
Sem entenderes o
canto!

Agora corres nos
charcos Em vez
das alvas areias!

Deleita-te a voz
fingida Dessas
formosas sereias.
Mas eu te falo e
te aviso:
– “Olha que tu te enlameias!” –

Tu és a pomba inocente,
Eu sou teu anjo-da-
guarda, Devo dizer-
te baixinho:
– “Olha que a morte não
tarda! “Mariposa dos
amores
“Deixa a luz, embora arda.

“A chama seduz e brilha
– “Qual diamante entre as
gazas – “E tu no fogo
maldito
“Tão descuidosa te
abrasas!
“Mariposa,
mariposa,
“Tu vais queimar tuas asas!”

Conchinha das lisas praias
Nascestes em alvas areias,
Não corras tu para os charcos
Arrebatada nas cheias!...
– Os teus vestidos são
brancos... Olha que tu te
enlameias!...

...– 1858.

LII

FOLHA
NEGRA.

Sinhá,

Um outro mancebo
Alegre, poeta e
crente, Soltara um

canto fervente
De amor talvez! – de
alegria, E aqui nas
folhas do livro
Deixara – amor e
poesia.

Mas eu que não
tenho risos Nem
alegrias tão pouco,
Nem sinto esse
fogo louco Que a
mocidade
consome, Nas
brancas folhas do
livro Só posso
deixar meu nome!

É triste como um
gemido, É vago
como um lamento;
– Queixume que solta o vento
Nas pedras dum rumo
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lírio s'inclina!...

Grito de angústia do
pobre Que sobre as
águas se afoga,
Cadáver que bóia e
voga Longe da praia
querida,
Grito de quem n'agonia
– Já morto – se apega à vida!

Vozes de flauta
longinqua Que as
nossas mágoas aviva,
Soluço da patativa,
Queixume do mar
que rola, Cantiga em
noite de lua Cantada
ao som da viola!...

Saudades do pegureiro
Que chora o seu lar amado,
– Calado e só – recostado
Na pedra dalgum
caminho... Canção de
santa doçura

Da mãe que embala o filhinho!...

Meu nome!... É simples e pobre
Mas é sombrio e traz dores,
– Grinalda de murchas flores
Que o sol queima e não consome...
– Sinhá!... das folhas do livro
É bom tirar o meu nome!...

Setembro – 1858.

LIII

À

MORTE

DE

AFFONSO DE A. COUTINHO

MESEDER ESTUDANTE DA

ESCOLA CENTRAL.

Who hath not lost a friend?...
M.

É triste ver a flor que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta
rocha, Pender no fraco
hastil!

É bem triste dos anos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das
flores, Na quadra
juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão
clemente, P'ra que apagas, Senhor,
a chama ardente

Num crânio de
vulcão?

P'ra que poupas o cedro já vetusto
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto

Às vezes no embrião?!...

Pois não fora melhor vivesse a planta
Cujos perfume a solidão encanta
No sossego do
 val?...
– Não veríamos nós neste
 martírio
Desfalecer tão belo o pobre lírio
 Pendido ao
 vendaval!

Pobre mancebo! Nesse
 peito nobre
E nessa frente que o sepulcro
 cobre
 Era fundo o
sentir! Agora solitário
tu descansas,
 E contigo esse mundo de
 esperanças
 Tão rico de
 porvir!

Oh! lamentemos essa pura
 estrela
Sumida, como no horizonte
 a vela
 Nas névoas da
 manhã!
A sepultura foi há pouco
aberta... Mas o dormente já
se não desperta À voz de
sua irmã!

É mudo aquele a quem irmão
chamamos, E a mão que tantas
vezes apertamos
 Agora é fria já!
Não mais nos bancos esse rosto amigo
Hoje escondido no fatal jazigo
 Conosco sorrirá!

Mancebo, atrás da glória que
sorria, Sonhou grandezas para a
pátria um dia,
 E a ela os
 sonhos deu;
Mártir do estudo, na ciência
 ingrata Bebeu nos livros
 esse fel que mata E pobre

adormeceu!

Era bem cedo! – na manhã
da vida
Chegar não pôde à terra
prometida
Que ao longe lhe
sorriu! Embora desta
estrada nos espinhos Feliz
tivesse os maternais
carinhos,
Cansado
sucumbiu!

Era bem cedo! – Tanta
glória ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebo! no fervor dessa alma
Ao colher do futuro a verde
palma
Na cova
tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal
cerrada, Nós que sabemos que
esta vida é nada
Choramos um irmão;
E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da
saudade, As vozes da
oração!

Eu que fui teu amigo inda na
infância, Quando as almas das
rosas na fragrância
Bendizem só a
Deus – Hoje venho nas
cordas do alaúde Sentido e
grave, à beira do ataúde
Dizer-te o extremo adeus!

Descansa! se no céu há luz
mais pura, De certo gozarás
nessa ventura
Do justo a placidez!
Se há doces sonhos no viver
celeste, Dorme tranqüilo à
sombra do cipreste...

– Não tarda a
minha vez! Maio – 1858.

LIV

BERÇO E TÚMULO.

NO ÁLBUM DUMA MENINA.

Trago-te flores no meu canto amigo
– Pobre grinalda com prazer
tecida – É – todo amores –
deposito um beijo
Na fronte pura em que desponta a vida.

É cedo ainda! – quando
moça fores E percorreres
deste livro os cantos, Talvez
que eu durma solitário e
mudo
– Lírio pendido a que ninguém deu prantos! –

Então, meu anjo, compassiva e
meiga Depõe-me um goivo sobre
a cruz singela, E nesse ramo que o
sepulcro implora
Paga-me as rosas desta infância bela!

Junho – 1858..

LV

INFÂNCIA.

Ó anjo da
loura
trança,
Que

esperança
Nos traz a brisa do sul!
– Correm brisas das montanhas...
Vê se
apanhas
A borboleta de azul!...

Ó anjo da
loura
trança,
És
criança,
A vida começa a rir.
– Vive e folga
descansada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

Ó anjo da
loura
trança,
Não
descansa
A primavera inda
em flor; Por isso
aproveita a aurora
Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

Ó anjo da
loura
trança,
A dor
lança
Em nossa alma agro descreir.
– Que não encontres na vida
Flor
querida, Senão
contínuo prazer.

Ó anjo da loura
trança, A
onda é
mansa
O céu é lindo dossel;
E sobre o mar tão
dormente,
Docemente
Deixa correr teu batel.

Ó anjo da
loura
trança,
Que
esperança
Nos traz a brisa do sul!...
– Correm brisas das montanhas...
Vê se
apanhas
A borboleta de azul!...
Rio – 1858.

LVI
AUMA

PLATÉIA. O cedro foi planta um dia,
Viço e força o arbusto
cria, Da vergôntea
nasce o galho; E a flor
p'ra ter mais vida,
Para ser – rosa
querida – Carece as
gotas de orvalho.

Com o talento é o mesmo
Quando tímido ele adeja
– Qual ave que se
espaneja – Como a
flor, também precisa
Em vez do sopro da
brisa
O sopro da simpatia
Que lhe adoce os
amargores, Para em
horas de cansaço
Na estrada que vai
trilhando Encontrar de
quando em quando Por
entre os espinhos –
flores.

E vós que acabais de ouvi-lo
A suspirar nesse trilo
No seu gorjeio primeiro;
Vós, que viste o seu
começo. Dai-lhe essas
palmas de apreço Que é
artista e... brasileiro!

Setembro – 1858.

LVII

NO TÚMULO DUM

MENINO. Um anjo dorme aqui: na aurora
apenas,
Disse adeus ao brilhar das açucenas
Sem ter da vida levantado o véu.
– Rosa tocada do cruel
granizo – Cedo finou-se e no
infantil sorriso Passou do
berço p'ra brincar no céu!

Maio – 1858.

LVIII

A.J.J.C. MACEDO-
JUNIOR.

Poète, prends ta lyre; aigle, ouvre ta
jeune aile; Etoile, etoile, léve-toi!
V.
Hugo.

Como o índio a saudar o sol
nascente, Co' o sorriso nos
lábios, franco e ledó
Aperto a tua mão:
Cantor das açucenas, crê-
me agora, Este canto que a
lira balbucia
É pobre, mas de irmão!

Quando se sente como eu sinto
e sofro, A mente ferve e o
coração palpita
De glórias e de amor:
Se ouço Arthur ao piano eu me
extasio, Mas ouvindo teus hinos
me arrebató
E pasmo ante o cantor!

Na juventude, no florir dos anos,
Não sei que vozes nos entornam n'alma

Canções de querubim!
Uns perdem, como eu, cedo os
verdores, Mas outros crescem no
primor das graças
E tu serás assim!

Oh! mocidade! como és bela
e rica! Hinos de amores
neste sec'lo bruto!
Louvor ao
menestrel! Palmas a ti,
cantor das açucenas!
Quatorze primaveras nessa
fronte
Semelham-te um laurel!

Quando tão moço, no raiar
da vida, Já doce cantas
como o doce aroma
Das lânguidas cecéns^{10},
Podes, criança, erguer a fronte
altiva! Como André-Chénier^{11},
no crânio augusto
Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, este
profeta, Sibarita indolente,
sobre rosas
Não queiras tu dormir,
Se ao longe já te brilha amiga estrela

Aproveita o talento – estuda e
pensa – É belo o teu
porvir!

Não faças como nós; na infância apenas
Solta poeta o gorjear de amores
Que é doce o teu
cantar. Seja a vida p'ra ti
só riso e galas E
adormeças a cismar
quimeras
Da noite no luar.

Não faças como nós; não desças louco
A buscar sensações na bruta orgia
Das longas

saturnais;
Se a lama impura salpicar-te as
penas, Sacode as asas minha
pomba casta
 E fuge dos
 pardais.

Não manches meu poeta as vestes brancas
No mundo infame; mirra-se a grinalda
 E vão-se as
 ilusões!
A crença se desbota e o nauta chora
Desanimado no vaivém teimoso
 Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia
Que engana com sorriso de feitiços
 – Tão pálida
 Rachel!
Não encostes na taça os lábios
sôfregos... O vaso queima e
beberás nos risos
 Da amargura
 o fel!

Conserva na tua alma a
virgindade, E tenha o
coração na rica aurora
 Das rosas o
 matiz;
Se a donzela cuspir nos teus amores
Chora perdida essa ilusão primeira...
 Mas vive e sê
 feliz!

Se a dor for grande não te vergues
fraco, Oh! não escondas no
sepulcro a fronte
 Aos raios
 deste sol;
Não vás como Azevedo – o pobre
gênio – Embrulhar-te sem dó na
flor dos anos
 Da morte no
 lençol!

Vive e canta e ama esta natura,
A pátria, o céu azul, o mar
 sereno, A veiga que

seduz,
E possa meu poeta essa existência
Ser um lindo vergel todo banhado
De aromas e de luz!

Oh! canta e canta sempre! esses teus hinos
Eu sei, terão no céu ecos mais santos
Que a terra não dará;
Oh! canta! é doce ao triste que soluça
Ouvir saudosos no cair da tarde
A voz do sabiá!

Canta! e que teus hinos d'esperança
Despertem deste mundo de misérias
A estúpida mudez,
E dos prelúdios dessa lira ingênua
Em poucos anos surgirá brilhante
Millevoye [{12}](#) – talvez!

Maio – 1858.

LIX

UMA

HISTÓRIA. A brisa dizia à rosa:
– “Dá,
formosa, Dá-me,
linda, o teu amor;
Deixa eu dormir no
teu seio
Sem
receio, Sem
receio minha
flor!

Da tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros
te dar; E de noite
na corrente
Mansamente
Mansamente te embalar!” –

E a rosa dizia à brisa:
– “Não precisa
Meu seio dos beijos teus;

Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o Norte

Que é mais forte
Que é mais forte e eu amo mais!” –

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
No hastil se
debruçou; Pobre
dela! – Teve a
morte
Porque o Norte
Porque o Norte a desfolhou!...

Novembro – 1858.

LX

NO LEITO.

M***

Se eu morresse amanhã!
A. de Azevedo

I

Eu sofro; – o corpo
padece E minh’alma
se estremece Ouvindo
o dobrar dum sino!
Quem sabe? – A vida
fenece Como a
lâmpada no templo
Ou como a nota dum
hino!

A febre me queima
a fronte E dos

túmulos a aragem
Roçou-me a pálida
face; Mas no delírio
e na febre
Sempre teu rosto
contemplo, E serena a
tua imagem.
Vela à minha
cabeceira,
Rodeada de
poesia,
Tão bela como no dia
Em que vi-te a vez primeira!

Teu riso a febre me acalma;
– Ergue-se viva a
minh'alma Sorvendo a
vida em teus lábios
Como o saibo dos
licores,
E na voz, que é toda
amores, Como um
bálsamo bendito,
Ouvindo-a, eu pobre
palpito, Sou feliz e
esqueço as dores.

II

Se a morte colher-me em
breve, Pede ao vento que
te leve
O meu suspiro final;
– Será queixoso e
sentido, Como da
rola o gemido Nas
moitas do laranjal.

Quisera a vida mais longa
Se mais longa Deus
m'a dera, Porque é
linda a primavera,
Porque é doce este
arrebol, Porque é linda
a flor dos anos
Banhada da luz do sol!
Mas se Deus cortar-me os dias
No meio das

melodias, Dos
sonhos da mocidade,
Minh'alma tranqüila
e pura À beira da
sepultura
Sorrirá à eternidade.

Tenho pena... sou tão
moço! A vida tem tanto
enlevo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto amei!
– Adeus oh! sonhos
dourados, Adeus oh!
noites formosas, Adeus
futuro de rosas
Que nos meus sonhos criei!

Ao menos, nesse
momento Em que o
letargo nos vem Na
hora do passamento,
No suspirar da agonia
Terei a frente já fria
No colo de minha mãe!

III

Mas eu bendigo estas dores,
Mas eu abenço o
leito Que tantas
mágoas me dá, Se
me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora – viverá!
– Que às vezes na cruz singela
Tu irás pálida e bela
Desfolhar uma saudade!
– Que de noite, ao teu
piano, Na voz que a
paixão desata,
Chorarás a –
Traviata [{13}](#)
Que eu dantes amava tanto
Nas ânsias do meu amor!
– E que darás compassiva
Uma gota do teu pranto

À memória morta ou viva
Do teu pobre sonhador!

Bendita, bendita
sejas, Se nas notas
benfazejas Tua
alma falar co'a
minha Nessa
linguagem do céu
Que o pensamento adivinha!

Eu – o filho da
poesia – Dormirei
no meu sepulcro,
Embalado em
harmonia
Ao som do piano teu!

IV.

Que tem a morte de feia?!
– Branca virgem dos
amores, Toucada de
murchas flores, Um
longo sono nos traz;
E o triste que em dor anseia
– Talvez morto de
cansaço – Vai dormir
no seu regaço Como
num claustro de paz!

Oh! virgem das
sepulturas, Teu
beijo mata as
venturas Da terra,
mas rasga o véu
Que a eternidade
nos vela; E nós – os
filhos do erro –
Libertos deste
desterro, Vamos
contigo... donzela,
No branco leito de
pedra, Onde a
miséria não medra,
Sonhar os sonhos do
céu!...

Ha tantas rosas nas
campas! Tanta rama
nos ciprestes! Tanta
dor nas brancas
vestes! Tanta doçura
ao luar!
– Que ali o morto poeta

Nos seus íntimos
segredos, À sombra
dos arvoredos Pode
viver a sonhar!

V.

Assim, – se amanhã,
se logo, Sentires na
face amada
Passar um sopro
de fogo Que te
queime o
coração, E uma
mão fria e
gelada
Comprimir a tua
mão Frisando os
cabelos teus;
– Não tenhas tu vãos
temores, Pois é
minh'alma, querida,
Que ao desprender-se
da vida
– Toda saudade e amores –
Vai dizer-te o extremo – adeus!...

Agosto – 1858.

LXI

POIS

NÃO É?! Ver cair o cedro anoso
Que campeava
na serra, Ver frio
baixar à terra
O pobre velho
bondoso Que

procurando
repouso
Tropeçou na
sepultura;
É triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade
Nem a dor tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo
Partido à voz da procela,
No mundo – jardim
lascivo – A vida foi
longa e bela.

Mas ver a rosa do prado
Que a aurora deu cor
e vida, De manhã –
flor do valado, De
tarde – rosa
pendida!...

Mas ver a pobre
mangueira Na
primavera primeira
Crescendo toda
enfeitada De
folhas, perfume e
flor, Ouvindo o
canto de amor

No sopro da viração;
Mas vê-la depois lascada
Em duas cair no chão!...

Mas ver o pobre
mancebo Em quem
a seiva reluz, No
sonho cândido e
puro Nas glórias do
seu futuro
Dourando a vida de
luz
Mas vê-lo quando a sua alma
Ao som d'ignota
harmonia Se
derramava em
poesia; Quando
junto da donzela
– Cativo dos
olhos dela – Na
voz que

balbuciava
De amores falava a
medo; Quando o
peito trasbordava
De crenças, de
amor, de fé, Vê-lo
finar-se tão cedo,
Como as vozes dum
segredo... É dor
demais – pois não
é?!...

Indaiassú – 1857.

LXII

NA
ESTRADA.

CENA CONTEMPORÂNEA.

Eu vi o pobre velho esfarrapado
– Cabeça branca – sentado pensativo
Dum carvalho ao
pé; Esmolava na pedra
dum caminho,
Sem família, sem pão, sem lar,
sem ninho, E rico só de fé!

Era de tarde; ao toque do mosteiro
Seu lábio a murmurar rezava baixo,
– Ao lado o seu
bordão;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'roa
De pobre e de
ancião!

E o homem de metal vinha sorrindo
Contando ao companheiro os gordos lucros
Na usura de judeus;
O mendigo estendeu a mão
mirrada, E pediu-lhe na voz

entrecortada:

– Uma esmola, por Deus!

O homem de metal embebecido
Em sonhos de milhões, por junto à pedra
Sem responder,
passou! O pobre
recolheu a mão vazia...
O anjo tutelar velou seu
rosto

Mas – Satanás

folgou! Rio – 1858.

LXIII

NO
JARDIM.

CENA
DOMÉSTICA.

Tête sacrée! enfant aux cheveux
blonds!

V. Hugo.

Ela estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo – o anjo louro,
E passando as mãozinhas no meu rosto
Sacudia rindo os seus cabelos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava
a vida! Feliz sorvia nesse
olhar suave
Todo o perfume dessa flor da
infância, Ouvia alegre o gazar
dessa ave!

Depois, a borboleta da campina
Toda azul – como os olhos grandes
dela – A doudejar gentil passou
bem junto
E beijou-lhe da face a rosa bela.

– Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce acento da virgínea
fala – Mamãe me ralha se eu
ficar cansada
Mas – dizia a correr – hei de apanhá-la! –

Eu segui-a chamando-a, e
ela rindo Mais corria gentil
por entre as flores, E a – flor
dos ares – abaixando o vôo
Mostrava as asas de brilhantes cores.

Iam, vinham, à roda das
acácias, Brincavam no
rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia: – Que doidinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas

borboletas!... Dezembro – 1858.

LXIV

RISOS.

Ri, criança, a vida é
curta, O sonho dura
um instante. Depois...
o cipreste esguio
Mostra a cova ao
viandante!

A vida é triste – quem nega?
– Nem vale a pena
dizê-lo. Deus a parte
entre seus dedos Qual
um fio de cabelo!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora é – toda
venturas, De tarde –
doce tristeza,
De noite – sombras escuras!

A velhice tem gemidos,
– A dor das visões
passadas – A

mocidade –
queixumes,
Só a infância tem risadas!

Ri, criança, a vida é
curta, O sonho dura
um instante. Depois...
o cipreste esguio
Mostra a cova ao
viandante!

Rio – 1858.

LIVRO NEGRO.

HORAS TRISTES.

I.

Eu sinto que esta vida já me

foge

Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o náufrago nas ondas
Nas trevas um fanal!

Eu sofro e esta dor que me atormenta
É um suplicio atroz!
E p'ra contá-la falta à lira cordas
E aos lábios meus a voz!

Às vezes no silêncio da
minh'alma, Da noite na
mudez,
Eu crio na cabeça mil fantasmas
Que aniquilo outra vez!

Dói-me inda a boca que queimei sedento
Nas esponjas de fel,
E agora sinto no bulhar da mente
A torre de Babel!

Sou triste como o pai que as belas filhas
Viu lânguidas morrer,
E já não pousam no meu rosto pálido
Os risos do prazer!

E contudo, meu Deus! eu sou bem
moço, Devera só me rir,
E ter fé e ter crença nos
amores, Na glória
e no porvir!

Eu devera folgar nesta natura
De flores e de luz,

E, mancebo, voltar-me p'ro futuro
Estrela que
seduz!

Agora em vez dos hinos
d'esperança, Dos
cantos juvenis,
Tenho a sátira pungente, o riso
amargo, O canto que
maldiz!

Os outros, – os felizes deste
mundo, Deleitam-se
em saraus;
Eu solitário sofro e odeio os
homens, P'ra mim são
todos maus!

Eu olho e vejo... – a veiga é de esmeralda
O céu é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
O lodo dum paul!

Mas se ela – a linda filha do meu
sonho, A pálida mulher
Das minhas fantasias, dos seus lábios
Um riso, um só me der;

Se a doce virgem pensativa e bela,
– A pudica vestal
Que eu criei numa noite de delírio
Ao som da saturnal;

Se ela vier enternecida e meiga
Sentar-se junto a mim;
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna
Que um doce bandolim;

Se o seu lábio afagar a minha
fronte
– Tão fervido
vulcão!

E murmurar baixinho ao meu
ouvido
As falas da paixão;

Se cair desmaiada nos meus
braços
Morrendo em

languidez, De certo
remoçado, alegre e louco
Sentira-me
talvez!...

Talvez que eu encontrasse as alegrias
Dos tempos que lá
vão,
E afogasse na luz da nova aurora
A dor do coração!

Talvez que nos meus lábios desmaiados
Brilhasse o seu
sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
Na glória e no
porvir!

Talvez minh'alma ressurgisse bela
Aos raios desse sol,
E nas cordas da lira seus gorjeios
Trinasse um
rouxinol!

Talvez então que eu me pegasse à vida
Com ânsia e com
ardor,
E pudesse aspirando os seus
perfumes
Viver do seu amor!

P'ra ela então seria a minha
vida, A glória, os
sonhos meus;
E dissera chorando arrependido:
– Bendito seja Deus! –

Abril – 1858.

DORES.

II.

Há dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguém
consola, Ou suspeita
sequer!
Mágoas maiores do que a dor

dum dia, Do que a morte
bebida em taça morna
De lábios de mulher!

Doces falas de amor que o vento
espalha. Juras sentidas de
constância eterna
Quebradas ao nascer;
Perfídia e olvido de passados
beijos... São dores essas que
o tempo cicatriza
Dos anos no
volver.

Se a donzela infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
Suspira o coração;
Mas depois outros olhos nos
cativam, E loucos vamos em
delírios novos
Arder noutra paixão.

Amor é o rio claro das delícias
Que atravessa o deserto, a veiga, o
prado, E o mundo todo o
tem!
Que importa ao viajor que a sede
abrsa, Que quer banhar-se
nessas águas claras,
Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
Na calma dos verões;
Ou quer na primavera, ou quer no
inverno, No doce anseio do bulir
das ondas
Palpitam corações.

Não! a dor sem cura, a dor
que mata, É, moço ainda,
aperceber na mente
A dúvida a sorrir!
É a perda dura dum futuro inteiro
E o desfolhar sentido das sentis
coroas, Dos sonhos do
porvir!

É ver que nos arrancam uma a uma

Das asas do talento as penas
de ouro, Que voam
para Deus!
É ver que nos apagam d'alma as crenças
E que profanam o que santo temos
Co'o riso dos
ateus!

É assistir ao desabar tremendo,
Num mesmo dia, d'ilusões
douradas, Tão cândidas
de fé!
É ver sem dó a vocação torcida
Por quem devera dar-lhe alento e vida
E respeitá-la até!

É viver, flor nascida nas
montanhas, Para aclimar-se,
apertada numa estufa
À falta de ar e luz!
É viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dores
Carregando a
cruz!

Oh! ninguém sabe como a dor é
funda, Quanto pranto s'engole e
quanta angústia,
A alma nos
desfaz!
Horas há em que a voz quase
blasfema... E o suicídio nos acena
ao longe
Nas longas
saturnais!

Definha-se a existência a pouco e
pouco, E ao lábio descorado o riso
franco
Qual d'antes, já não vem;
Um véu nos cobre de mortal tristeza,
E a alma em luto, despida dos
encantos, Amor nem
sonhos tem!

Murcha-se o viço do verdor
dos anos, Dorme-se moço e
despertamos velho,

Sem fogo para
 amar!
E a fronte jovem que o pesar sombreia
Vai, reclinada sobre um colo
 impuro, Dormir no
 lupanar!

Ergue-se a taça do festim da
orgia, Gasta-se a vida em
noites de luxúria
 No leito dos
 bordéis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos lábios frios
 Das lânguidas Frinés!^{14}

Esquecimento! – mortalha para as
dores – Aqui na terra é a
embriaguez do gozo,
 A febre do prazer:
A dor se afoga no fervor dos
 vinhos, E no regaço das
Margôs^{15} modernas É
 doce então morrer!

Depois o mundo diz – Que
libertino! A folgar no delírio
dos alcouces^{16}
 As asas
 empanou! –
Como se ele, algoz das
esperanças, As crenças
infantis e a vida d'alma
 Não fosse quem matou!...

.....
Oh! há dores tão fundas como o abismo,
Dramas pungentes que ninguém consola
 Ou suspeita
 sequer!
Dores na sombra, sem carícias
d'anjo, Sem voz de amigo, sem
palavras doces,
 Sem beijos de mulher!...

....
....

III.

Pobre criança que te afliges
tanto Porque sou triste e se
chorar me vês, E que
borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hinos sem calor,
talvez;

Deus te abençoe, querubim
formoso, Branca açucena
que o paul brotou! Teu pranto
é gota de celeste gozo
Na úlcera funda que ninguém curou.

Pálido e mudo e do caminho em meio

Sentei-me à sombra sofredor e só!
Do choro a baga umedeceu-me
o seio, Da estrada a gente me
cobriu de pó!

Meus tristes cantos comecei
chorando, Santas endechas,
doloridos ais...
E a turba andava! Só de vez em quando
Lânguido rosto se volvia atrás!

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hino o que eu chamava
um ai! Alguém murmura: – Como o
canto é lindo! – Sorri-se um pouco e
caminhando vai!

Bendito sejas, querubim de
amores, Branca açucena que
o paul brotou! Teu pranto é
gota que mitiga as dores Da
úlcera funda que ninguém
curou!

Há na minh'alma alguma cousa

vago, Desejos, ânsias, que
explicar não sei: Talvez – desejos
– dalgum lindo lago,
– Ânias– dum mundo com que já sonhei!...

E eu soffro, oh anjo; na cruel vigília
O pensamento inda redobra
a dor, E passa linda do meu
sonho a filha Soltas as
tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu
de azul; Pouso com dia nos
gentis palmares
A beira d'água, nos vergéis do sull!...

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas, noutra céu de luz,
E eu – desperto do meu sonho
verde – Acordo e choro
carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flores tenho, nem prazer também!
– Roto mendigo que não tem
guardida – Tímido espreito
quando a noite vem!

Bendito sejas, querubim de
amores, Branca açucena que
o paul brotou! Teu doce pranto
me acalenta as dores Da
úlceras funda que ninguém
curou!

A minha vida era areal despido
De relva e flor e na estação
louçã! Tu foste o lírio que
nasceu, querido, Entre a
neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel
dormia, Chorava o pano a
viração sutil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escalavrado

galho Que a tempestade no
passar quebrou; Tu foste a
gota de bendito orvalho
É a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitui-me a
calma, Ergue-me as crenças,
que já vejo em pé; E teus
olhares me derramam n'alma
Doces consolos e orações de fê.

Não serei triste; se te ouvir
a fala Tremo e palpito
como treme o mar, E a
nota doce que teu lábio
exala Virá sentida ao
coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hinos c'os
suspiros teus, E a ti, meu
anjo, a quem a vida devo Hei
de adorar-te como adoro a
Deus!

... – 1858.

FRAGMENTO.

IV.

.....
... O mundo é uma mentira, a
glória – fumo,
A morte – um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que s'esvai na campa!

O homem nasce, cresce, alegre
e crente Entra no mundo c'ò
sorrir nos lábios, Traz os
perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se belo d'ilusões
douradas, Canta, suspira, crê,
sente esperanças,
E um dia o vendaval do
desengano Varre-lhe as

flores do jardim da vida E nu
das vestes que lhe dera o
berço Treme de frio ao vento
do infortúnio!
Depois – louco sublime – ele se
engana, Tenta enganar-se p'ra
curar as mágoas, Cria
fantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas
ondas, Trabalha, luta e se
afadiga em balde
Até que a morte lhe desmancha
os sonhos. Pobre insensato – quer
achar por força Pérola fina em
lodaçal imundo!
– Menino louro que se cansa e mata
Atrás da borboleta que travessa
Nas moitas do mangal¹⁷ voa e se perde!...

.....
.....

.... Dezembro – 1858.

ANJO!

M.

Sub umbra alarum tuarum.

V.

Eu era a flor
desfolhada Dos
vendavais ao
correr; Tu foste a
gota dourada
E o lírio pôde viver.

Poeta, dormia pálido
No meu sepulcro, bem só;
Tu disseste – Ergue-te
Lázaro! – E o morto
surgiu do pó!

Eu era sombrio e
triste... Contente
minh'alma é; Eu
duvidava...
sorrreste, Já no
amar tenho fé.

17 Manguê.

A fronte que ardia em
brasas A seus delírios
pôs fim Sentindo o
roçar das asas,
O sopro dum querubim.

Um anjo veio e
deu vida Ao peito
de amores nu:
Minh'alma agora
remida Adora o
anjo – que és tu!

Julho – 1858.

ÚLTIMA FOLHA.

VI.

Meu Deus! Meu Pai! Se o filho da desgraça
Tem jus¹⁸ um dia ao galardão
remoto, Ouve estas preces e
me cumpre o voto
– A mim que bebo do absinto a taça!

– “Feliz serás se como eu sofreres,
“Dar-te-ei o céu em recompensa ao
pranto” – Vós o disseste – E eu
padeço tanto!...
Que novos transe preparar me queres?

Tudo me roubam meus

cruéis tiranos: Amor, família,
felicidade, tudo!...
Palmas da glória, meus lauréis do
estudo, Fogo do gênio, aspiração
dos anos!...

Mas o teu filho já se não rebela
Por tal castigo, pelas mágoas duras;
– Minh'alma of'reço às provações
futuras... Venha o martírio... mas –
perdão p'ra ela!...

A doce virgem se assemelha às
flores... O vento a quebra no
seu verde ninho.
– Velai ao menos pelo pobre anjinho,
– Pagai-lhe em gozo o que me dais

em dores! Maio – 6.

{1} Lamartine (1790-1869) – ilustre poeta francês, cujos versos são de deliciosa suavidade e lirismo eloqüente e profundo. Autor de *Meditações Poéticas*, *Harmonias Poéticas e Religiosas*, *Jocelyn*, *História dos Girondinos* etc.

{2} Obra de Gonçalves Dias.

{3} Assim no original: o mesmo que Tupã.

{4} Petrarca – poeta italiano, foi o primeiro dos grandes humanistas da Renascença.

{5} Marília de Dirceu – coleção de poesias de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1807). Os seus versos são delicados, suaves, de uma inspiração ligeira e graciosa. Gonzaga esteve comprometido na Insurreição Mineira, e foi por isso condenado a degredo para um presídio em Angola, pena comutada em desterro por 10 anos, para Moçambique, onde morreu doido.

{6} Dante Alighieri – o mais genial poeta da Itália, autor de *A Divina Comédia*.

{7} Será Saara?

{8} Paul (a-úl) – pântano.

{9} Poesia fúnebre, muito triste; canção melancólica.

{10} Açucenas.

{11} André-Chénier (1762-1794) - célebre poeta francês. Protestou eloquentemente contra os excessos da Revolução Francesa, foi condenado à morte e decapitado.

{12} Carlos Humberto Millevoye (1782-1816), poeta francês, autor de elegias notáveis.

{13} *Traviata* – ópera em quatro atos de Verdi. O libreto é uma adaptação de *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho.

{14} Friné (Phryné) – cortesã grega. Praxíteles tomou-a como modelo para as suas estátuas de Vênus.

{15} Outra referência a prostitutas.

{16} Prostíbulo.